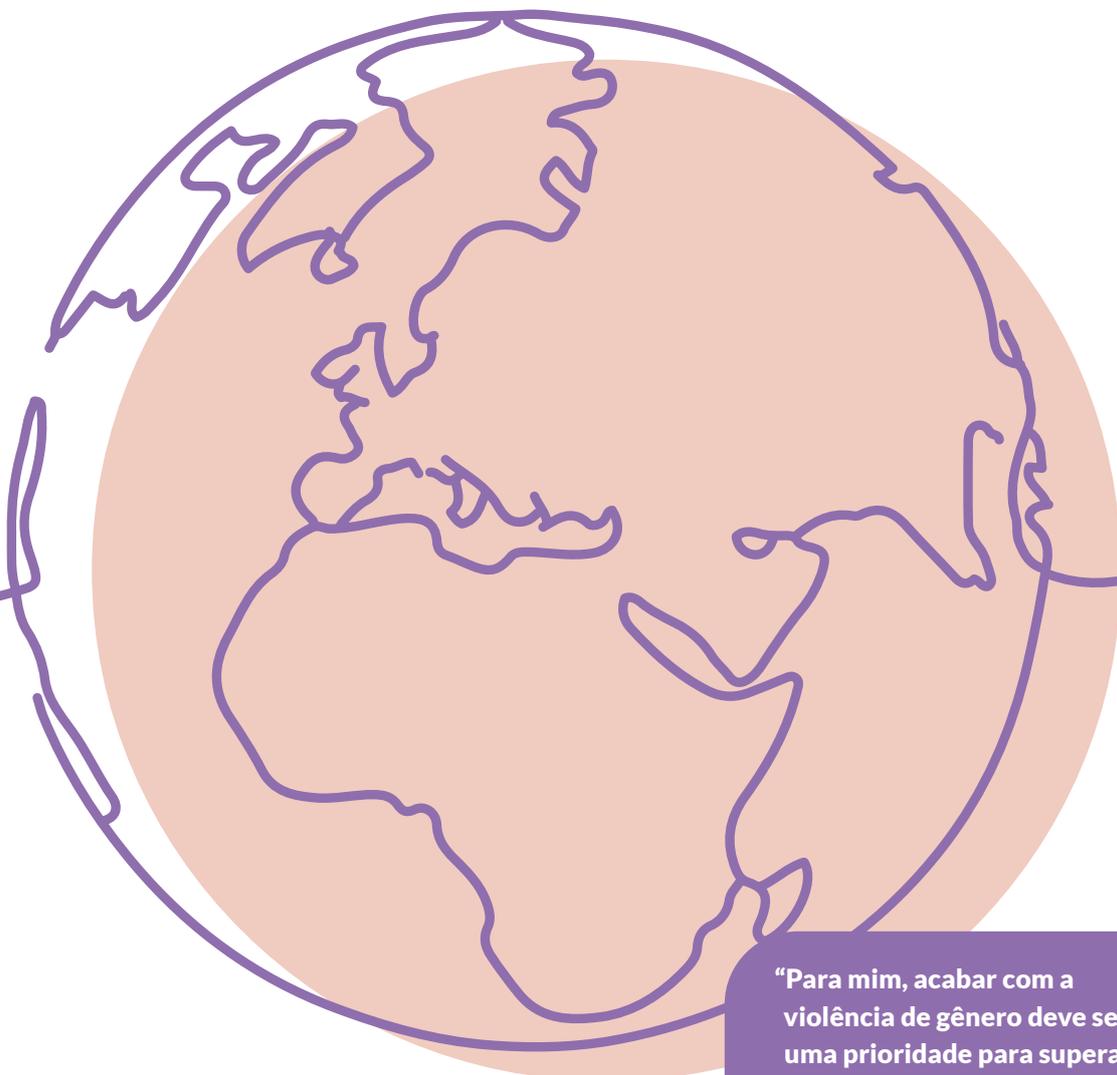




Justiça de Deus:

Teologia e Violência Baseada no Gênero



O que a Bíblia diz e como a Igreja deve responder?

“Para mim, acabar com a violência de gênero deve ser uma prioridade para superar a lacuna entre homens e mulheres para a justiça e a coexistência pacífica na sociedade”

Reverendo Domnic Misolo
IFAGE – Quênia.

Justiça de Deus: Teologia e Violência Baseada no Gênero

ISBN: 978-1-913863-12-8

Publicado pela primeira vez em 2022 pelo Conselho Consultivo Anglicano

Primeira edição

© 2022 O Conselho Consultivo Anglicano

Saint Andrew's House

16 Tavistock Crescent

London

W11 1AP

Reino Unido

www.anglicancommunion.org

Autoras/es

Mandy Marshall

Rev. Tariro Matsveru

Rev. Julius Anozie

Prof. Paulo Ueti

Venerável Carole Hughes

Rev. Dr. Stephen Spencer

Revda. Dr^a Paula Nesbitt

Contribuições

Rev. Domnic Misolo

Rev. Neil Vigers

Sr. Gavin Drake

Editora

Deborah Hewitt

Reconhecimentos

Agradecimentos às e aos autores originais do recurso "*Justiça de Deus: Relacionamentos Justos entre Mulheres e Homens, Meninas e Meninos*", no qual este recurso se baseia.

Prof. Ester Mombo

Revd Moumita Biswas

Professor Kwok Pui-Lan

Venerável Carole Hughes

Revda Dr^a Paula Nesbitt

Professor Gerald West

Rev. Dr. Stephen Spencer

Dr. Paulo Ueti

Revda Dra. Dorothy Lee

Reverendíssima Dra. Gloria Lita Mapangdol

Rev. Terrie Robinson

CONTEÚDOS

Prefácio

pelo Rev. Dr. Thabo Makgoba

4

Introdução

por Mandy Marshall, Diretora de Justiça de Gênero, Comunhão Anglicana

6

I. O cerne da questão: algumas orientações teológicas 10

II. Orientando-nos: O que é gênero? 14

III. A chocante realidade da violência baseada em gênero (VBG) 20

Uma história pessoal pelo Rev. Domnic Misolo, Diretor do IFAGE, Quênia 34

IV: Desigualdades de gênero ao longo da história e entre culturas 38

V. Transformando relacionamentos e acabando com a violência 44

Apêndices

Apêndice 1 – O Modelo Duluth

55

Apêndice 2 – Resoluções do CCA, carta das/os primazes e as cinco marcas da missão

56

Recursos adicionais

58

Prefácio do Reverendíssimo Dr. Thabo Makgoba

Arcebispo da Cidade do Cabo e Primaz da Igreja Anglicana da África Austral

Minha primeira exposição à natureza horrível e à extensão da violência contra mulheres e crianças ocorreu no início da década de 1990. Quando eu estava presidindo uma ONG em Joanesburgo dedicada à advocacia em favor das vítimas, o coordenador de um projeto que administrava um abrigo para mulheres vítimas de abuso me desafiou a me tornar um conselheiro voluntário para que eu pudesse vivenciar a crise em primeira mão.

No abrigo, administrado pela Mulheres Contra o Abuso de Mulheres [Women Against Woman Abuse], ouvi as histórias mais chocantes de abuso. Alguns são terríveis demais para serem relatados, mas incluem relatos de homens infligindo queimaduras em mulheres, de espancamento de mulheres grávidas, de um namorado permitindo que um amigo estuprasse sua namorada ou de crianças sendo estupradas na frente de seus pais. Isso intensificou meu compromisso de trabalhar com a ONG, o Tshwaranang, Centro de Advocacia para Acabar com a Violência contra Mulheres, e defender os direitos das mulheres e crianças de viverem suas vidas livres do medo ou da experiência de violência, e apoiar os esforços da igreja com o mesmo objetivo.

Como o fim do apartheid libertou a Igreja para voltar sua atenção para outras crises sociais, nosso Sínodo Provincial adotou uma resolução sobre a violência contra as mulheres em 1999. Isso deu origem a um dos melhores recursos que temos em nossa Província: “*Amada de Deus*”, um curso de seis semanas escrito pela Arquidiácona Erica Murray refletindo sobre a contribuição das mulheres da Diocese da Cidade do Cabo. Como igreja, nossa abordagem deve ser única. Intervimos a partir de uma perspectiva de fé, buscando ver o rosto e ouvir a voz de Deus em meio ao sofrimento, ajudadas e ajudados pelo poder transformador de Jesus para trazer a cura da dor e da exclusão vividas pelas filhas de Deus.

É isso que nos inspira e é isso que torna esta nova publicação de crucial importância, principalmente em um momento em que gritar aos quatro ventos, fazer piquetes e declarações não parece estar produzindo a transformação que buscamos.

Como pessoas cristãs e de fé, e especialmente como anglicanas, abordamos esse desafio com base nas escrituras, na tradição e na razão. Dizemos em primeiro lugar: “Vamos começar pelas escrituras”. Em seguida, analisamos como fizemos as coisas no passado e nos baseamos na experiência que nos permitiu, por exemplo, superar o apartheid. Então vamos aplicar nosso raciocínio para transformar nossa situação.

É, portanto, apropriado que este recurso comece colocando as perguntas que toda pessoa cristã deveria fazer: O que a Bíblia diz? O que é o ensino cristão? E como a Igreja deve responder?

A Igreja deve buscar a face de Deus, buscar a face da justiça, em tudo o que fazemos. Devemos procurar decodificar ou desmascarar a verdade que está oculta. Enquanto trabalhamos para descobrir a cura de Deus e a verdade de Deus, devemos caminhar tanto com aquelas pessoas que são perpetradoras quanto com aquelas que foram injustiçadas e humilhadas.

Estes são passos necessários em nossa jornada para enfrentar e erradicar a realidade chocante da violência de gênero. Também precisamos olhar para as dinâmicas de poder que nossas sociedades perpetuam nas relações entre mulheres e homens; e reconhecer as atitudes patriarcais que sustentam o abuso. Precisamos transformar essas relações, guiadas e guiados pelo modelo que Jesus nos deu na Bíblia de como tratava homens e mulheres.

Como este recurso diz, “orientar-nos” corretamente é fundamental – entender gênero, entender o que as escrituras dizem sobre gênero e reconhecer a responsabilidade de umas para com as outras pessoas. Se quisermos trazer igualdade nos relacionamentos, é importante também entendermos como as desigualdades enfraquecem as mulheres, seja em casa, no trabalho ou na igreja.

Lembremo-nos também de que, se quisermos garantir que a dignidade de todas as pessoas seja respeitada, isso deve acontecer no contexto mais amplo do respeito pela integridade de toda a criação de Deus, incluindo a justiça para o todo do nosso meio ambiente.

As cinco marcas da missão da Comunhão Anglicana nos compelem a buscar transformar as estruturas injustas da sociedade, desafiar a violência de todo tipo e buscar a paz e a reconciliação. Como pessoas anglicanas, não temos escolha a não ser trabalhar para transformar qualquer coisa que obstrua a realização da justiça de Deus e estrague o relacionamento entre homens e mulheres, meninas e meninos.

Este valioso recurso nos ajudará a fazer isso. Eu o recomendo calorosamente.

O Reverendíssimo Dr Thabo Makgoba
Arcebispo da Cidade do Cabo

Como pessoas anglicanas, não temos escolha a não ser trabalhar para transformar qualquer coisa que obstrua a realização da justiça de Deus e estrague o relacionamento entre homens e mulheres, meninas e meninos.

Introdução por Mandy Marshall

Diretora de Justiça de Gênero, Comunhão Anglicana

“Espero que minha esposa se curve diante de mim como eu me curvei diante de Cristo.”



Estas foram as palavras de um pastor evangélico no Zimbábue em 2004. Jamais as esquecerei. Elas foram horríveis de ouvir, fortes, mal orientadas e não amorosas. Elas estavam cheias de expectativas culturais sobre uma esposa, construídas sobre uma má compreensão de passagens bíblicas. Isso me deixou com raiva, mas também me deixou triste, pois o pastor claramente não teve a oportunidade de estudar as escrituras no relacionamento entre mulheres e homens na Bíblia. Isso destaca a necessidade de aprendizado contínuo e educação teológica.

O que é esse recurso?

Este recurso foi escrito para destacar o nível devastador de violência de gênero em todo o mundo e permitir que grupos e indivíduos se envolvam teologicamente na questão; levando-os a responder em oração, pessoalmente e na prática. A violência baseada em gênero é uma pandemia global. Nós, como uma igreja global, precisamos quebrar o silêncio, a vergonha e o estigma. Refletir teologicamente sobre como acabamos em tal confusão no mundo e nossas igrejas podem nos encorajar a ir além das crenças e práticas culturais e tradicionais. Isso nos levará a responder e agir de uma maneira que nos permita florescer mutuamente como Deus planejou.

Este recurso também oferece a oportunidade de refletir e pensar mais profundamente sobre algumas das principais questões da Bíblia relacionadas a mulheres e homens. Pode haver uma tendência a evitar ler e pensar sobre este assunto, pois pode ser visto como controverso em algumas partes da Comunhão Anglicana. Até mesmo a palavra “gênero” é tão carregada que pode afastar as pessoas cristãs de lerem mais. Espero muito que esta pessoa não seja você.

Este recurso tem como objetivo fornecer informações sobre o que a Bíblia diz e o que não diz e fornece perguntas para reflexão para nos ajudar a pensar em nossas próprias respostas às escrituras. O recurso começa com a visão teológica de nossa identidade em Cristo antes de seguir para o básico do que é gênero e como ele é impactado por nossa formação, família e cultura em que vivemos. Em seguida, passa a olhar para a chocante realidade da violência baseada em gênero e o impacto dela em nossas igrejas globalmente. Há uma história pessoal de transformação pelo Rev. Dominic Misolo, enquanto um homem que cresceu no Quênia e como isso influenciou a maneira como ele tratava as mulheres até sua jornada de descoberta e cura. O recurso leva ao que a Bíblia diz sobre homens e mulheres. Olha para Jesus como o exemplo de como tratar mulheres e homens com igual importância, valor, dignidade e respeito, como iguais no Reino de Deus.

Este recurso adota uma abordagem heteronormativa de gênero. Não aborda diretamente questões acerca de LGBTQIA+ nem questões de transgêneros. Isso será uma decepção para algumas pessoas e, sem dúvida, será visto como uma oportunidade perdida. Se este é você, nós lhe compreendemos. No entanto, ainda há uma necessidade real de que a maioria das pessoas seja capaz de discutir teologicamente os relacionamentos entre masculino/feminino e o que isso significa para nossas atitudes e comportamentos em relação à outra pessoa.

No entanto, ainda há uma necessidade real de que a maioria das pessoas seja capaz de discutir teologicamente os relacionamentos entre masculino/feminino e o que isso significa para nossas atitudes e comportamentos em relação à outra pessoa.

Por que escrevemos este recurso?

Em 2019, um grupo de teólogas e teólogos de toda a Comunhão Anglicana publicou um recurso chamado “*Justiça de Deus: relacionamentos justos entre mulheres e homens, meninos e meninas*”¹ que foi produzido para faculdades teológicas. Este recurso explorou questões de relacionamentos e gênero de forma acadêmica. No entanto, havia a necessidade de um recurso que todas as pessoas anglicanas pudessem ter acesso e pudessem ler em um formato fácil.

Em 2021, outro grupo de teólogas e teólogos de toda a Comunhão Anglicana se uniu para produzir um recurso atualizado que fosse acessível em linguagem, fácil de ler e entender. Este novo grupo consistia em algumas e alguns dos autores originais e algumas e alguns novos. Seu objetivo é guiar gentilmente as pessoas através de algumas das partes complicadas das escrituras relacionadas a mulheres e homens. Todas as autoras e autores querem encorajar as pessoas a se engajarem no pensamento e na reflexão teológica. Garantimos que a voz da juventude fosse representada, bem como de diferentes etnias e diferentes teólogas e teólogos em toda a Comunhão Anglicana.

Para quem é o recurso?

Em essência, este recurso é para quem quer aprender mais sobre o que a Bíblia diz (e não diz) sobre as relações entre mulheres e homens, meninos e meninas. Ele é escrito principalmente para pessoas anglicanas e faz referência a declarações e acordos anglicanos no recurso. É para quem quer explorar gênero e teologia, mas tem medo de começar ou de fazer perguntas. Cada autora e cada autor quer encorajar as pessoas a se engajarem no pensamento teológico e na reflexão sobre este assunto. Você não precisa de um diploma ou diploma de teologia para ler este recurso. Para aquelas pessoas com formação em teologia, também recomendamos este recurso, pois sempre há algo novo para aprender com nossas irmãs e irmãos em Cristo, além de ver as coisas de uma perspectiva diferente ou nova.

Como o recurso pode ser usado?

Este recurso pode ser usado em muitas configurações. Espera-se que pequenos grupos leiam e discutam este recurso juntos, debatam e reflitam sobre as questões colocadas no final dos capítulos. Isso pode trazer uma riqueza de compreensão e permitir que os grupos discutam as ideias preconcebidas, os desafios na mudança de pontos de vista e reflitam pessoalmente sobre quais mudanças são necessárias dentro de nós mesmas/os. Claro, ele pode ser usado para estudo individual também.

Para leitura adicional, a Declaração de Buffalo, “*À imagem e semelhança de Deus: uma antropologia cheia de esperança*”², oferece um entendimento comum anglicano da realidade do relacionamento entre seres humanos e Deus e uma exploração mais profunda sobre o assunto do que um capítulo poderia aqui.

Qual é o impacto esperado do recurso?

Esperamos que ler, refletir e se engajar teologicamente na questão da violência de gênero e gênero resulte em uma transformação de atitudes, crenças e comportamentos – em nós como indivíduos, como igrejas e como comunidades na jornada do discipulado. Isso pode resultar em florescimento mútuo e liberdade para mulheres e homens serem quem Deus as e os criou para serem e não um estereótipo ao qual sentem que devem se conformar por causa do que pensam que a Bíblia diz. Espera-se que o recurso traga luz e vida para mulheres e homens que pensam que seus papéis são pré-definidos. Eles não são. Somos criadas e criados para relacionamentos saudáveis.

Recomendando o recurso

Espero que ao ler este recurso você obtenha uma nova visão da Bíblia e do exemplo de Jesus, a quem seguimos. O discipulado é uma jornada ao longo da vida de seguimento a Jesus. Somos desafiadas e desafiados a nos transformarmos mais à semelhança de Cristo ao longo dessa jornada. Gênero e relacionamentos entre mulheres e homens é uma daquelas áreas em que precisamos estar abertos para ser desafiadas e desafiados e mudadas e mudados. Somos nós pessoas ousadas o suficiente para orar a oração do rei Davi, no Salmo 139, que diz no versículo 23:

*Ó Deus, examina-me e conhece o meu coração!
Prova-me e conhece os meus pensamentos.
Vê se há em mim algum pecado
e guia-me pelo caminho eterno*
(NTLH)

Precisamos ouvir umas às outras. Fundamentalmente, precisamos ouvir a dor, a ferida e a destruição que os

Fundamentalmente, precisamos ouvir a dor, a ferida e a destruição que os estereótipos e a leitura errada das escrituras causaram às mulheres e homens. Sejamos ousadas e ousados; estejamos preparadas/os para sermos desafiadas/os de novo e ao sermos desafiadas/os que mudemos como resultado.

Referências

- ¹ anglicancommunion.org/media/346995/acc17-study-materials-just-relationships.pdf
² anglicancommunion.org/media/208538/in-the-image-and-likeness-of-god-a-hope-filled-anthropology-2015.pdf



O cerne da questão: algumas orientações teológicas

A dignidade de todas as pessoas na criação

Uma vez que tenhamos visto a extensão e profundidade da desigualdade de gênero, abuso e violência no mundo, é importante lembrar por que os cristãos se opõem tanto a isso. Por que lutamos contra essa injustiça no mundo? Esta é, em última análise, uma questão teológica sobre a natureza de Deus e da criação.

Um dom

As Escrituras e a tradição cristã ensinam que Deus cria todas as coisas do nada (*ex nihilo*), um ato de infinita generosidade. A própria existência da criação é um dom, um expressão do eterno amor divino das pessoas da Trindade. Dentro desta ordem criada, as escrituras então ensinam que a humanidade é criada à imagem de Deus (*imago dei*). Isto veio a formar o coração da compreensão cristã da pessoa humana (Gn 1. 28-29). Enquanto toda a criação se assemelha à glória do criador (Sl 19. 1), a humanidade é única entre as criaturas, porque mulheres e homens são feitas/os à imagem e semelhança de Deus.

As escrituras refletem profundamente sobre o significado dos dons. São Paulo escreve “Quem é que fez você superior aos outros? Por acaso não foi Deus quem lhe deu tudo o que você tem? Então por que é que você fica todo orgulhoso como se o que você tem não fosse dado por Deus?” (1 Coríntios 4. 7). O Espírito Santo, frequentemente conhecido na tradição cristã como “o dom”, é a fonte dos dons que formam a Igreja (1 Coríntios 12. 4-6). As relações humanas se expressam por meio de dons, sejam doações de tempo, talentos, habilidade, atenção, cuidado ou dinheiro. Todos esses são dons de amor que formam e expressam um relacionamento e, portanto, têm significado e sentido. A Comissão Permanente Inter-Anglicana sobre Unidade, Fé e Ordem (IASCUFO), disse em seu artigo “Deus amou tanto o mundo”, que “ao dar um dom, o dom traz algo da pessoa doadora para a destinatária. A partilha recíproca de dons forma laços familiares e comunitários”¹

Troca de dons como comunhão

Este destaque da troca de dons começa a mostrar porque o conceito de comunhão é central para a identidade da humanidade: “Em comum com toda a criação, a humanidade recebe a si mesma como um dom de Deus. O dom de nossa humanidade traz algo do doador, Deus, ao destinatário, a pessoa humana. Embora a humanidade receba tudo de Deus, ela é chamada, por sua vez, a se entregar a Deus em agradecimento. A humanidade é chamada ao intercâmbio amoroso, ou comunhão, com Deus e dá voz ao dom de louvor e ação de graças da criação.”²

Fora dessa relação com Deus, o criador, toda criatura, inclusive a pessoa humana, não é nada. Embora toda pessoa humana seja descendente de um relacionamento parental e entre em uma variedade de relações vivas como, por exemplo, irmã/ão, cônjuge, mãe/pai, amiga/o, colega, líder ou ajudante, nenhum relacionamento entre seres humanos define totalmente essas pessoas. Uma mulher pode ser mãe, irmã, amiga ou cuidadora, mas nenhum desses relacionamentos, por mais preciosos e valiosos que sejam, capta totalmente a profundidade de sua humanidade. Nossas relações humanas são mutáveis, mas através delas aprendemos e participamos de nossa relação fundamental com o Pai, Filho e Espírito Santo, aquele em quem “vivemos, nos movemos e existimos.” (At 17.28)³.

Então, no nível fundamental, na forma primária em que somos humanos, somos iguais porque todos compartilhamos as características definidoras de nossa humanidade: nossas vidas são um presente de Deus e são definidas por esse relacionamento o qual somos chamadas/os a compartilhar eternamente. Esta relação com Deus, reconhecida ou não, vai além de todas as diferenças humanas, inclusive de gênero. O enfraquecimento da dignidade humana por meio de relações injustas entre os gêneros, bem como por meio de outras relações injustas e desumanas, é, portanto, profundamente ofensivo ao ensino cristão e ao modo de vida cristão.

Um chamado para cada igreja e para a Comunhão Anglicana

Qual é o lugar e o papel da Igreja na dádiva da relação da humanidade com Deus? Uma resposta ecumênica clara e concisa é fornecida por um documento recente da Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas⁴. Começa no mesmo lugar como acima descrito, com uma descrição de como no princípio o homem e a mulher foram criados à imagem do Deus Triúno, possuindo assim uma capacidade inerente de comunhão com Deus e um/a com o/a outro/a.

O documento continua descrevendo como o propósito de Deus na criação foi frustrado pelo pecado e desobediência humanos, que prejudicaram os relacionamentos entre Deus e os seres humanos, entre os seres humanos e entre os humanos e a ordem criada. Mas Deus persistiu na fidelidade, apesar do pecado e da falibilidade humana. A história dinâmica da restauração da comunidade por Deus encontrou sua realização irreversível na encarnação e no mistério pascal de Jesus Cristo.

Restaurando a comunhão

“A Igreja, como corpo de Cristo, age pelo poder do Espírito Santo para continuar a missão vivificante de Cristo no ministério profético e compassivo e assim participa da obra de Deus de curar um mundo quebrado”⁵.

Um elemento vital nesta missão da Igreja vem do conceito bíblico de comunhão ou *koinonia*. O substantivo grego *koinonia* deriva do verbo que significa “ter algo em comum”, “compartilhar”, “participar”, “fazer parte” ou “agir em conjunto”. Aparece em passagens que relatam a participação na Eucaristia (1 Coríntios 10. 16-17), reconciliação (Gálatas 2. 7-10), coleta para os pobres (Romanos 15. 26; 2 Coríntios 8. 3-4) e a experiência e o testemunho da Igreja (cf. At 2. 42-45). A Igreja, portanto, é chamada a tornar visível o dom imutável da comunhão de Deus na família humana e com toda a ordem criada.

Neste ponto é importante reconhecer que a missão da Igreja é prejudicada sempre que qualquer parte da comunidade cristã nega, distorce ou rejeita o dom da comunhão em sua vida e testemunho. Isso é feito iniciando ou continuando as relações injustas de racismo, injustiça econômica, guerra e injustiça de gênero, que levam a algumas das dolorosas histórias de desunião cristã. As relações injustas entre mulheres, homens, meninas e meninos fazem parte disso; estes devem ser reconhecidos no nível mais básico da comunidade da igreja como *koinonia* distorcida. Como a desunião cristã, a negação da comunhão entre mulheres e homens prejudica a missão básica da Igreja como sinal e servidora no projeto de Deus para o mundo: a comunhão de todas as pessoas sob o reino de Cristo⁶.

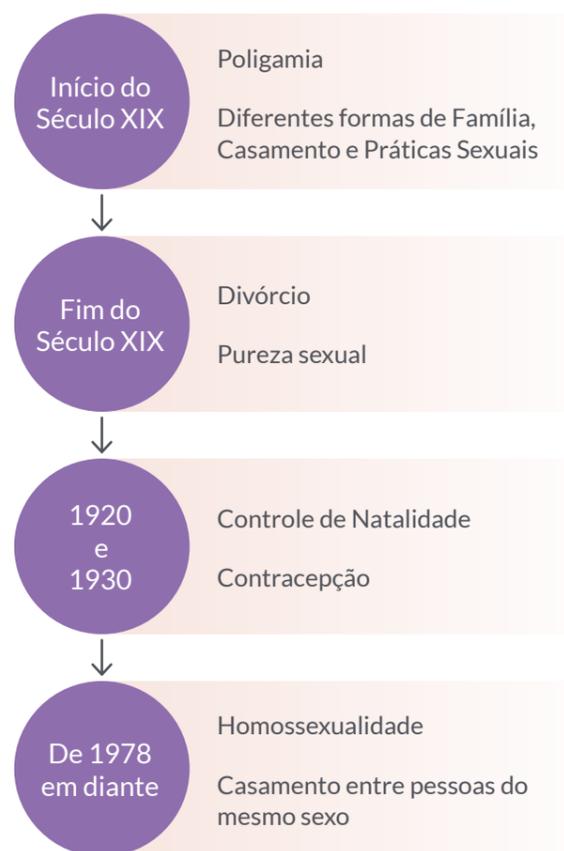
Por outro lado, a *koinonia* plena e visível entre mulheres e homens numa relação sacramental de justiça e paz na Igreja é uma forma particular na qual pessoas cristãs proclamam a missão de Cristo. A comunhão, cuja fonte é a própria vida da Santíssima Trindade, é, duplamente, o dom pelo qual a Igreja vive e, ao mesmo tempo, o dom que Deus chama a Igreja a oferecer a uma humanidade ferida e dividida na esperança de reconciliação e cura⁷.



A Comunhão Anglicana

A Comunhão Anglicana encontra sua identidade e vocação neste dom da comunhão. Os anglicanos não pertencem a uma união de igrejas, mas a uma comunhão de igrejas. A Comunhão não é uma corporação global com uma única estrutura legal e financeira governada por uma matriz, mas uma comunhão de igrejas autônomas e interdependentes que por meio de orações, parceria e missão compartilham ativamente sua fé anglicana. Isso implica que elas não existem em um estado fixo uma com a outra, mas, em vez disso, precisam restabelecer continuamente o que têm em comum a partir das diferenças e da diversidade que incorporam. Ser uma “comunhão” implica um processo contínuo de encontrar o que é mantido em comum dentro da diversidade da vida anglicana em todo o mundo.

Por exemplo, não há um, mas quatro Instrumentos da Comunhão: o escritório do Arcebispo de Cantuária, a Conferência de Lambeth, a Reunião dos Primazes e o Conselho Consultivo Anglicano. Como um conjunto variado de instrumentos musicais, essas diferentes organizações precisam ser tocadas umas com as outras para produzir uma sinfonia musical. Esses instrumentos visam promover a *koinonia* entre as igrejas-membro e compartilhar testemunho, missão e evangelismo comuns no contexto global.⁸

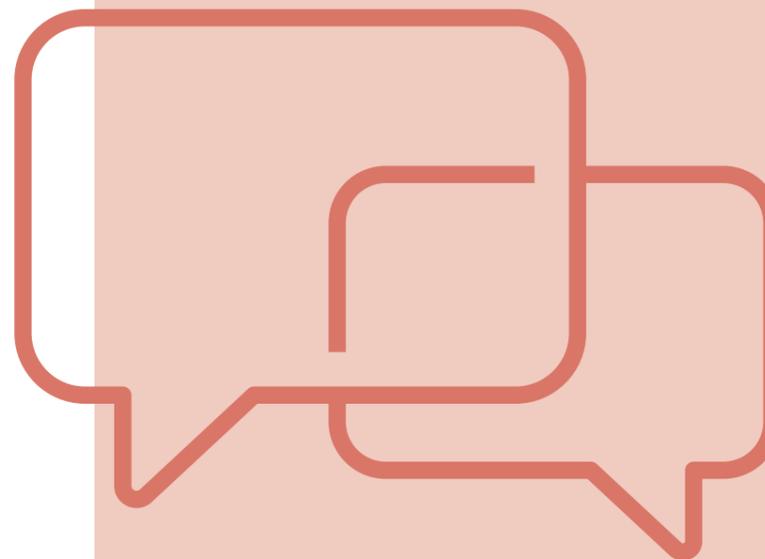


Desafios da diversidade

Além dessas instituições formais, a *koinonia* também é vista em uma série de ligações e conexões informais em toda a Comunhão, entre dioceses, paróquias, agências e indivíduos. A interação humana está no centro do que significa pertencer à Comunhão Anglicana, tendo como pano de fundo uma extraordinária e maravilhosa diferença e diversidade, principalmente na expressão e compreensão de gênero. Essa interação deve ser sobre encontrar e valorizar continuamente o que temos em comum.

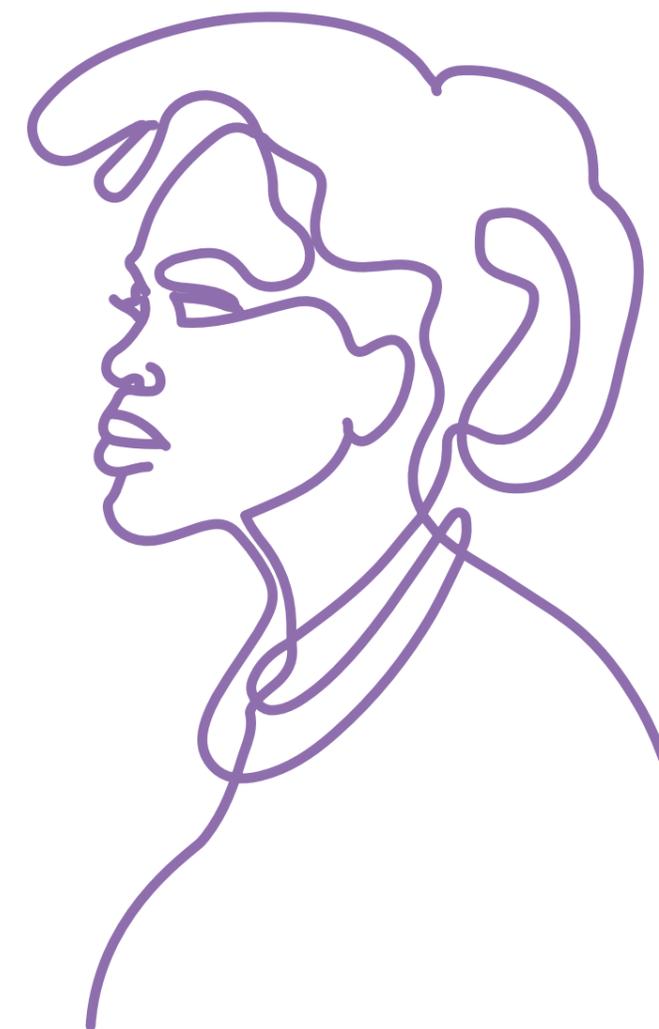
Para este fim, as pessoas anglicanas têm se engajado na discussão de gênero desde o início. No século XIX, os debates centrados na poligamia, enquanto a missão cristã encontrava diversos entendimentos de gênero e diferentes formas de família, casamento e práticas sexuais. No final do século XIX, a questão do divórcio e da pureza sexual foi contestada e a questão de como tratar as pessoas divorciadas na igreja tornou-se uma questão recorrente no século XX. Nas décadas de 1920 e 1930, o foco estava no controle de natalidade e na contracepção. Desde 1978, a discussão da homossexualidade e do casamento entre pessoas do mesmo sexo foi levantada em cada uma das Conferências de Lambeth que ocorreram.

A discussão de gênero sempre foi difícil por causa das diferenças culturais, religiosas, nacionais e regionais e da compreensão diversa da Bíblia e das tradições teológicas. Mas quanto maiores as diferenças, maior o potencial para uma comunhão profunda e significativa, embora o perigo de mal-entendidos e preconceitos também esteja presente. Não há dúvida de que o desacordo pode ser destrutivo ou perturbador para a missão da igreja, mas o conflito não é necessariamente inútil em si. A Comunhão Anglicana encontra sua identidade e chamado em encontrar reconciliação e cura através da comunhão.



Questões para discussão

1. Sabendo que nosso valor e identidade vêm fundamentalmente de ter-nos sido dada nossa vida por Deus, como isso muda a maneira como você vê as diferenças de gênero nas pessoas ao seu redor?
2. Como as igrejas anglicanas podem realmente incorporar a comunhão não apenas no culto, mas em todo o modo como vivem como o corpo de Cristo?
3. Que medidas você, sua igreja e diocese tomaram para acabar com a violência baseada em gênero na comunidade da igreja e na sociedade em geral?



Referências

¹ A Comissão Permanente Inter-Anglicana sobre Unidade, Fé e Ordem, (2021), Deus amou tanto o mundo, unidade, fé e ordem Documento nº 3, Seção 22. Publicado pelo Conselho Consultivo Anglicano.

² *ibid.* Seção 23

³ *ibid.* Seção 40

⁴ Comissão de Fé e Ordem do Conselho Mundial de Igrejas, (2013) A Igreja: Rumo a uma Visão Comum (TCTCV), Seção 1, Publicações do CMI

⁵ *ibid.* Seção 1

⁶ cf TCTCV. Seção 25

⁷ *ibid.* Seção 1

⁸ anglicancommunion.org/media/209979/Towards-a-Symphony-of-Instruments-Web-Version.pdf p.83

Orientando-nos: O que é gênero?

Quando começamos a discutir gênero, a primeira coisa a reconhecer é que este não é o mesmo que sexo biológico. A Organização Mundial da Saúde (OMS) assim explica: “gênero é usado para descrever as características de mulheres e homens que são socialmente construídas, enquanto sexo se refere àquelas que são biologicamente determinadas. As pessoas nascem mulheres ou homens, mas aprendem a ser meninas e meninos que se tornam mulheres e homens. Esse comportamento aprendido compõe a identidade de gênero e determina os papéis de gênero”¹ “Construído socialmente” significa que é formado por sociedades humanas e cada sociedade ou cultura provavelmente o fará de forma ligeiramente diferente de qualquer outra. Assim, “Homem” e “Mulher” [ou “macho” e “fêmea”] referem-se ao sexo biológico, mas “masculino” e “feminino” ao gênero. Pode parecer um tema recente, mas as questões de gênero já existiam muito antes do próprio termo ser inventado.

Pode parecer um tema recente, mas as questões de gênero já existiam muito antes do próprio termo ser inventado.

Gênero na Bíblia

Em Gn 1. 26-28, Deus cria primeiro o “ser humano” e juntos eles são “imagem e semelhança” de Deus. Deus reconhece que eles são “homem e mulher”, dando a ambos as mesmas responsabilidades e privilégios para cuidar do resto da Criação sem estabelecer nenhuma hierarquia ou diferença qualitativa entre eles. Em Gênesis 2. 4b-23, Deus cria do barro um ser humano (*ha - adam*, em hebraico), sopra neles o *ruach* (sopro ou espírito) e os torna um ser vivo que é instruído a cuidar da Terra (versículo 15). Então Deus pega uma parte do lado do ser humano (muitas vezes traduzido como costela) e faz outra pessoa, mas de um sexo diferente. O homem vê a mulher como alguém igual a ele. Além disso, em Gênesis 2. 24, Deus diz que o homem deixará pai e mãe para se tornar novamente “uma só carne” com a mulher, refletindo mais uma vez a imagem de Deus.

Já neste texto antigo nossas normas de gênero são desafiadas. As narrativas bíblicas e a história mostram que quem deixa o lar de pai e mãe geralmente tem sido a mulher, mas em Gn 2. 24 “o homem deixa seu pai e sua mãe e se apega à sua mulher”. Precisamos tomar cuidado para não cometer injustiças por causa das interpretações tradicionais da Bíblia.

Defender as ideias humanas de desigualdade de gênero como se fossem desejo divino não está de acordo com a Palavra de Deus, na qual toda a humanidade é “imagem e semelhança” de Deus. Desde os relatos da criação, passando pelas ações de Jesus nos Evangelhos, passando pelos movimentos de reforma na Igreja até os dias atuais, há registros de mulheres atuando de diversas formas, apesar dos desafios e modelos patriarcais de cada época.

Temos exemplos de mulheres no Antigo Testamento liderando o povo, como a juíza Débora, o papel profético de Miriã, a solidariedade de Rute apoiando sua sogra Noemi. Sempre soubemos que as mulheres caminhavam ao lado de Jesus e seus discípulos, embora raramente sejam destacadas nos relatos bíblicos. Jesus discute gênero e, em uma sociedade patriarcal, inclui mulheres e crianças no projeto de salvação. As mulheres estavam na crucificação e, como Maria Madalena, as primeiras no túmulo.

Nosso próprio gênero

Pouco depois de nascermos, as pessoas da família e do nosso círculo de convivência nos cobrem de cores e expectativas baseadas no gênero “masculino” ou “feminino”, dependendo das características biológicas encontradas em nosso corpo. Com a tecnologia, já é possível saber o sexo biológico do bebê com meses de antecedência e, por isso, esse processo começa a acontecer ainda durante a gravidez. Desde o nascimento, estamos sendo educados social, cultural e religiosamente para ocupar os lugares e papéis que são “nossos”, no contexto em que estamos.

Em nosso cotidiano em casa, na escola, no trabalho ou na igreja, sempre há questões relacionadas às relações de gênero. Você já foi repreendido por brincar com um brinquedo específico, usar certas roupas ou se comportar de uma maneira considerada inadequada para um menino ou uma menina? Desde muito cedo, e em muitos lugares, desde a infância até a idade adulta, aprendemos o que é e o que não é aceito em nossa cultura.

Oremos

*Ó Senhor Deus, eu já não sou orgulhoso;
deixei de olhar os outros com arrogância.
Não vou atrás das coisas grandes
e extraordinárias, que estão fora do meu
alcance.*

*Assim, como a criança desmamada
fica quieta nos braços da mãe,
assim eu estou satisfeito e tranquilo,
e o meu coração está calmo
dentro de mim.*

*Povo de Israel, ponha a sua esperança
em Deus, o Senhor,
agora e sempre!*

Salmo 131

Isso é algo para se pensar: como estamos desafiando as normas culturais, sociais e legais que ainda tratam as mulheres de maneira opressiva? Quais frases abaixo você já ouviu?

1. **Deus fez o homem superior à mulher.**
2. **As mulheres devem ser submissas e não atuar na liderança.**
3. **Para ser homem, você deve ser macho.**
4. **Toda mulher deve ser mãe.**
5. **Deus fez o homem e a mulher.**

Podemos pensar juntos sobre o que essas declarações significam. Eles desconsideram o fato de que gênero é uma construção social – algo que é criado por sociedades e culturas, por seres humanos. As pessoas nem sempre se enquadram nos estereótipos do que é considerado homem ou mulher, categorias que lhes são atribuídas, seja biologicamente ou socialmente. Nem toda mulher pode ou quer ser mãe e isso não

a torna inferior às outras. Portanto, não existe uma única maneira de ser homem ou mulher. De fato, há expectativas geradas para cada gênero quanto ao que pertence a este ou aquele sexo, muitas vezes sem considerar realidades como a mãe ou o pai que cria os filhos sozinhos, a mulher que dirige um trator, o homem que cuida de bebês, para citar algumas situações que vão contra padrões e preconceitos.

Alguns dizem que a divisão de papéis por gênero apenas segue a natureza, mas o gênero não é definido apenas pelo órgão genital ou pelas características do corpo, mas varia em cada contexto e cultura. Ser mulher ou homem na Cidade do Cabo não é o mesmo que na Inglaterra ou Angola. Nem as pessoas de duas gerações atrás são as mesmas de hoje.

Compare algumas imagens, representações e papéis de homens e mulheres em diferentes épocas, lugares e culturas que você conhece.

Eles são diferentes dos seus?

Distinguir entre os gêneros pode ser importante para nós, mas eles não devem nos definir ou limitar. Em alguns lugares, isso acontece como segregação; limita o potencial criativo, profissional, religioso e vocacional. Mesmo onde há maior abertura à participação igualitária, ainda há muitos obstáculos e restrições ocultas, ainda mais quando a mulher faz parte de uma minoria étnica. Há muito mais barreiras a serem superadas para ocupar o sacerdócio religioso, espaços acadêmicos e cargos de liderança em geral.

Além disso, pode haver a imposição de um modo de vida particular, obrigando as mulheres a se encaixarem em “caixas” inventadas com base em seu gênero. Isso pode até impedir que as mulheres se casem, comecem uma família e trabalhem em comunidades religiosas. Apesar de muito progresso, muitas capacidades, atribuições e direitos são concedidos ou retirados das pessoas por causa de seu sexo ou gênero. Capacidade intelectual e cognitiva, honestidade, moralidade pessoal e bondade são julgadas por gênero; ver, por exemplo, os homens como mais qualificados do que as mulheres, até mesmo em ter voz ou se revezar para serem ouvidos. No entanto, os homens também são mantidos em um padrão de masculinidade que muitas vezes é inatingível e gera comportamentos tóxicos e baixa auto-estima.

Vamos falar sobre o nosso contexto:**Quais são suas principais preocupações sobre gênero em seu contexto atual?**

Igreja é o lugar para falar sobre gênero!

As relações de gênero são um grande tópico em nossas vidas diárias, dentro da igreja, nas Escrituras e na teologia. Como pessoas discípulas de Jesus, somos chamadas a restabelecer as relações humanas baseadas na justiça, misericórdia e igualdade. Somos chamadas a ser uma parábola do amor de Deus a todas as pessoas, a tudo e em todos os lugares.

Este é o dever profético da Igreja, inclusive denunciando os pecados que violam o valor humano intrínseco de mulheres e meninas, minorias étnicas e raciais e pessoas LGBTQIA+, e anunciando esse mundo mais acolhedor, amoroso e comprometido às pessoas mais vulneráveis, a partir de nossos espaços de fé e culto.

A igreja tem feito questão de abordar esta importante questão, revisitando e ressignificando o papel dos gêneros em sua jornada com Deus. Por muito tempo, as mulheres foram caladas nas igrejas, na melhor das hipóteses desempenhando funções auxiliares, embora sempre tenham estado presentes no trabalho da igreja. Na maioria das vezes, os homens recebiam os papéis de liderança, uma vez que se supunha que os homens eram sempre mais capazes de desempenhar tarefas mais importantes. As mulheres deveriam cuidar da casa e dos filhos, único lugar onde teriam mais capacidade de agir do que os homens.

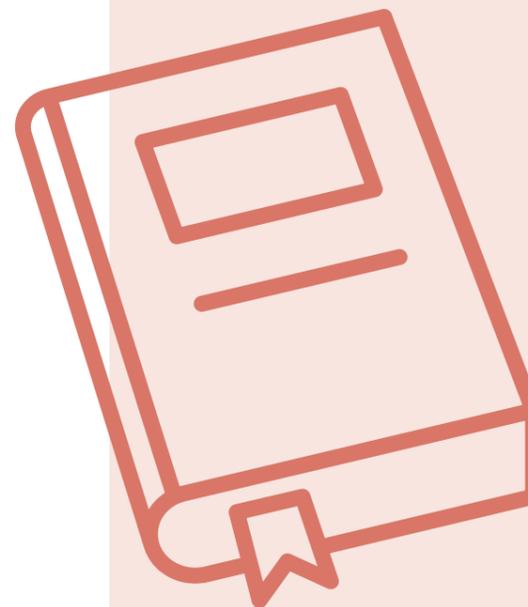
É hora de reafirmar que em Cristo somos novas criaturas e a novidade de vida que queremos viver deve ser em um mundo onde rótulos não nos definam ou limitem, um mundo onde todas as pessoas sejam respeitadas em sua individualidade, aceitas em suas diferenças, incluídas, integradas e não excluídas da oportunidade de desenvolver seus dons e talentos, vivendo em liberdade no amor.

“Então Pedro começou a falar. Ele disse:— Agora eu sei que, de fato, Deus trata a todos de modo igual...” (Atos 10. 34) então somos todas pessoas (e “todas” é TODAS) filhas de Deus amadas e cuidadas igualmente.

Para refletir:

Como estamos promovendo a justiça de gênero e relacionamentos equitativos em nossas famílias, igrejas e locais de trabalho?

Quais são os desafios e onde preciso de apoio para fazê-lo?



Estudo Bíblico e Perguntas para Discussão

Marcos 5. 21-42

1. No evangelho de Marcos, Jesus reconhece a dignidade de duas mulheres: uma mulher que estava com sangramento há 12 anos e uma mulher mais nova de 12 anos, filha de Jairo, que estava morta. Jesus as trata como sujeitos, não como objetos (Mc 5. 21-42). Marcos entrelaça as duas histórias, costurando as duas situações.
2. Leia o texto de Marcos 5. 21-42 três vezes. Na primeira vez, uma pessoa lê em voz alta para que todas outras ouçam. Na segunda vez, faça fazer uma leitura dramática, dividindo as falas das personagens (Jairo, a mulher, Jesus, etc) entre as pessoas presentes. Na terceira vez, cada pessoa lê o texto individualmente, em silêncio.
3. Discuta e escreva em pequenos grupos:
 - O que sabemos sobre cada personagem desta história?
 - O que as duas personagens femininas têm em comum?
 - O que os personagens masculinos, Jesus e Jairo, têm em comum e como eles se relacionam com as mulheres?
 - De que forma as palavras e ações de Jesus desafiaram os sistemas de gênero moldados naquele contexto?
 - Como esta passagem pode nos inspirar hoje, na construção de relações de gênero saudáveis e na superação das desigualdades?

Referências
¹ euro.who.int/en/health-topics/health-determinants/gender/gender-definitions

A chocante realidade da violência baseada em gênero (VBG)

O que é Violência Baseada em Gênero?

A definição das Nações Unidas de violência baseada em gênero é

“qualquer ato de... violência que resulte ou possa resultar em dano ou sofrimento físico, sexual ou mental às mulheres, incluindo ameaças de tais atos, coerção ou privação arbitrária de liberdade, seja na vida pública ou na vida privada.”¹

No centro da violência baseada em gênero está o desejo de controlar e abusar de qualquer poder sobre outra pessoa. Pode assumir muitas formas, com o/a autor/a do abuso escolhendo a tática ou forma de abuso mais eficaz que cria o controle desejado sobre outra pessoa. Isso é um pecado e está em contraste direto com a mensagem do evangelho de fazer às outras pessoas o que você gostaria que fizessem a você (Mateus 7.12, Lucas 6.31).

A lista abaixo não é exaustiva, mas fornece exemplos de diferentes tipos de violência de gênero.

Violência física

Empurrar intencionalmente, agarrar uma roupa ou uma parte do corpo, bater, esbofetear, espancar, queimar, estuprar, assassinar, ferir, ferir por causa do gênero.

Violência Sexual (SGBV)

Coagir outra pessoa a praticar atividade sexual, tratar uma pessoa como objeto de gratificação sexual, agredir fisicamente os órgãos sexuais, casamento forçado, casamento infantil, herança de viúva, mutilação/corte genital feminino, sequestro de noiva, tráfico de pessoa, uso de controle financeiro para fazer sexo (por exemplo, “Se você quer dinheiro para fazer compras, você tem que fazer sexo comigo”).

Ameaças e intimidações

Quaisquer comportamentos que façam ou executem ameaças, incluindo ameaças de abandono, pobreza, suicídio, violência física. Comportamentos que podem assustar, intimidar, aterrorizar, manipular, ferir ou humilhar as outras pessoas. Usar as/os filhas/os de uma mulher como arma para manter o controle. Ameaçando denunciar a mulher às autoridades locais por ser uma mãe imprópria. Ameaçar matar as crianças.

Controle econômico

Controle desleal dos rendimentos e bens do agregado familiar, impedindo uma mulher de obter ou manter um emprego, pegar dinheiro e/ou bens e usá-los de forma egoísta para fins próprios. Não permitir que a mulher opine sobre como a renda familiar é gasta, não permitir que ela tenha o controle conjunto das finanças domésticas ou tenha acesso a contas bancárias e dinheiro.

Isolamento

Controle sobre quem uma mulher vê, fala ou visita. Isolar uma mulher de amigos e familiares, remover ou restringir formas e meios de transporte para mantê-la isolada ou dificultar muito a ver outras pessoas. Pode envolver mudar de casa para longe de amigos e familiares; ou remover a rede de apoio sem acordo mútuo.

Abuso emocional

Usando insultos para rebaixar uma pessoa, jogando jogos mentais com uma mulher para minar sua confiança. “Degradar” para menosprezar uma mulher e garantir que ela esteja desempoderada, ansiosa e instável em suas emoções. Constantemente manter uma mulher conquistando o favor de um homem.

Abuso psicológico

Dizendo-lhes que estão ficando loucas ou têm problemas de saúde mental, forçar ou manipulá-la para tomar medicação. Sugerindo realidades alternativas falsas para minar a confiança da mulher ou contrariando recordações com falsidades. Ameaçar fazer falsas acusações de abuso às autoridades locais.

Assédio

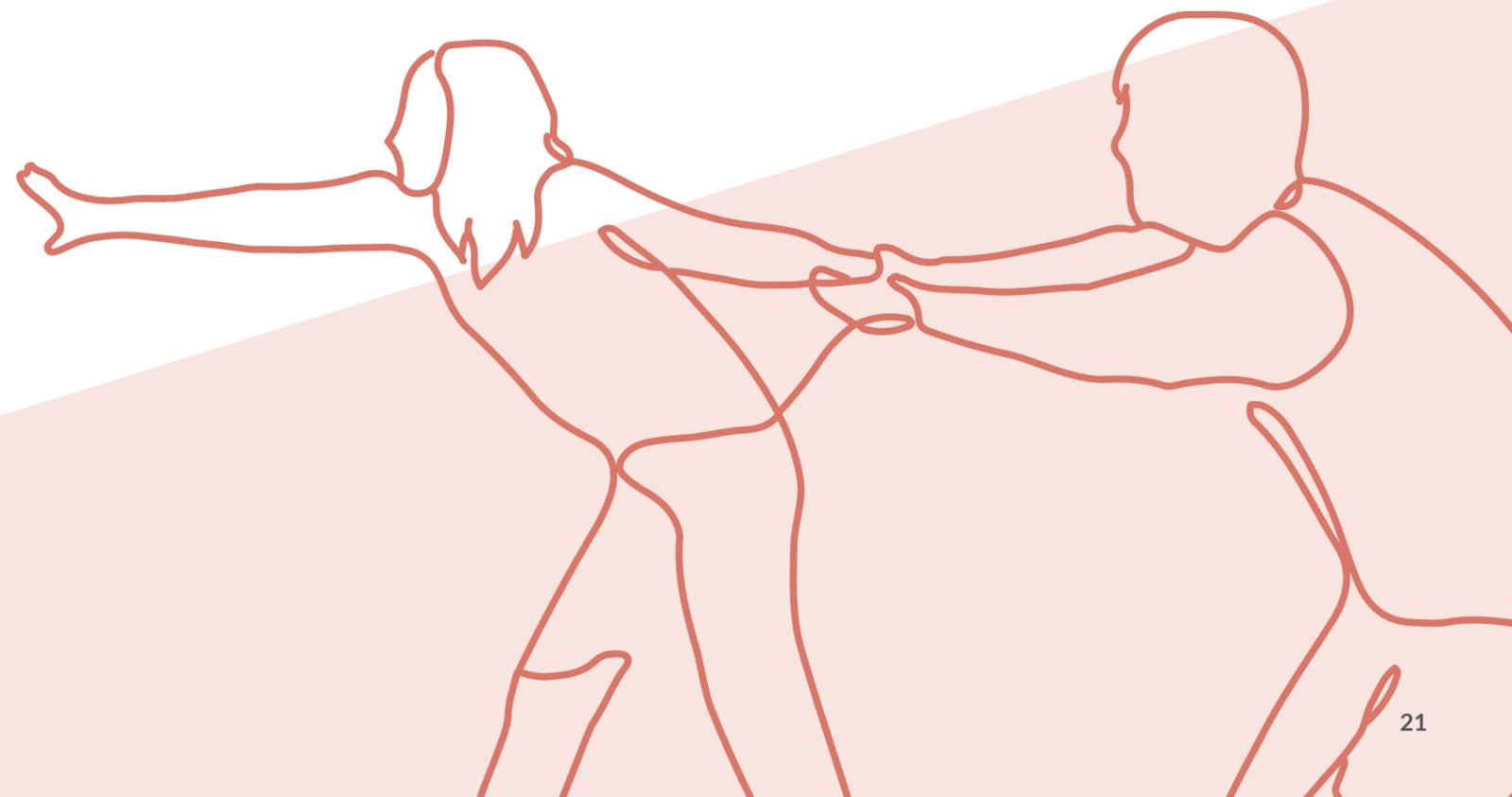
Inclui solicitar favores sexuais, fazer comentários de natureza sexual no local de trabalho destinados a intimidar, constranger ou tirar sarro de uma pessoa. Fazer uma mulher “gerenciar” os avanços de outra pessoa por medo de que ela possa fazer algo pior. Exigir favores sexuais em troca de emprego ou promoção, ou ameaçar perder o emprego se não fornecer favores sexuais. Bater no traseiro é assédio.

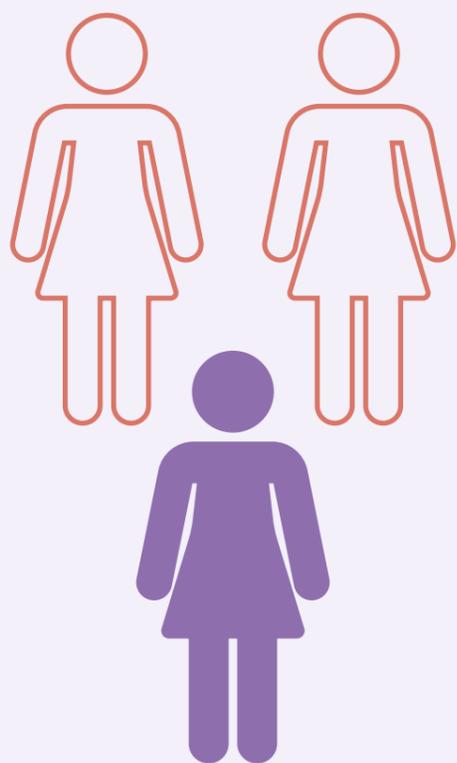
Perseguição

Atenção obsessiva indesejada que não desaparece mesmo quando solicitada. Pode ocorrer online ou pessoalmente e pode parecer ameaçadora ou criar uma sensação de estar sendo constantemente observada.

Abuso Espiritual

Usar mal a Bíblia ou um relacionamento pastoral para coagir e controlar outra pessoa.





Globalmente uma em cada três mulheres

sofre violência física e/ou sexual principalmente por um parceiro íntimo.”²

Prevalência da violência baseada em gênero

“Globalmente, uma em cada três mulheres sofre violência física e/ou sexual principalmente por um parceiro íntimo.”²

Infelizmente, a violência baseada em gênero é um problema que pode ocorrer para qualquer pessoa: qualquer raça, idade, orientação sexual, religião, nível educacional, país, gênero ou origem socioeconômica. A riqueza não é barreira para a violência baseada em gênero. As mulheres nos chamados “países ricos” também sofrem violência baseada em gênero. Por exemplo, no Reino Unido, uma em cada quatro mulheres será abusada ao longo da vida e, em média, duas mulheres por semana são mortas por seu parceiro ou ex-parceiro.³

A violência baseada em gênero pode ocorrer em uma variedade de relacionamentos, incluindo casais que são casados, moram juntos ou namoram. O casamento não protege contra o abuso. O abuso doméstico é prevalente em todos os países. O abuso doméstico em um relacionamento geralmente pode começar quando a mulher está grávida. A gestante é mais vulnerável e muitas vezes dependente do homem. Essa dependência pode ser aproveitada e desrespeitada por alguém que usa esse poder e controle para abusar dela. A violência baseada em gênero nem sempre é óbvia. Muitas vezes é escondida e realizada atrás de portas fechadas em casa. Muitos pensam que o abuso físico e/ou sexual são os únicos exemplos de violência baseada em gênero. No entanto, a violência baseada em gênero assume muitas formas, conforme descrito acima.

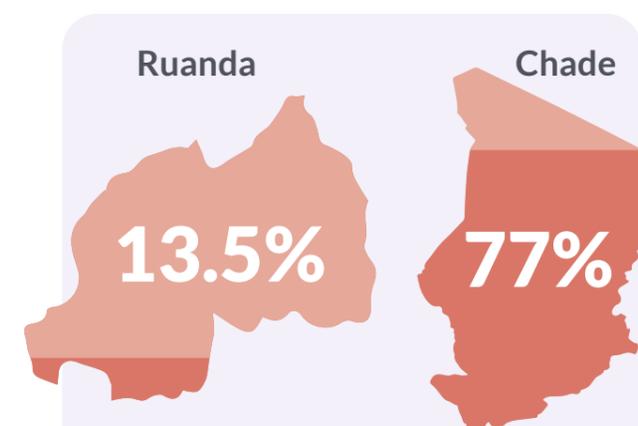
A objetificação, pensar ou tratar alguém como um objeto para satisfazer as próprias necessidades e prazeres pode ser tanto oculta quanto pública. Mulheres e homens podem ser tratados como objetos por outras pessoas para gratificação sexual, e não como seres humanos feitos à imagem de Deus e um presente para o mundo. A objetificação de mulheres e homens na mídia para vender bens materiais é apenas um exemplo. A proliferação de pornografia na internet que é acessível, anônima, possível de ser comprada, por meio de telefones celulares e laptops nas próprias casas das pessoas, é outra maneira pela qual as pessoas objetificam as outras.

Quão grande é a questão da violência baseada em gênero?

No ano anterior à pandemia de Covid-19, 243 milhões de mulheres e meninas sofreram violência sexual e/ou física por um parceiro íntimo⁴. É uma estatística que só piorou com os avisos de confinamento e permanência em casa durante a pandemia. O secretário-geral da ONU, Antonio Guterres, disse: “a violência não se limita ao campo de batalha. Para muitas mulheres e meninas, a ameaça é maior onde elas deveriam estar mais seguras: em suas próprias casas... temos visto uma onda horrível de violência doméstica”. Em alguns países, o número de mulheres que ligam para os serviços de apoio duplicou ou triplicou⁵.

Essa é a realidade global enfrentada por muitas mulheres e meninas todos os dias de suas vidas. Elas não estão seguras fora de casa por medo de assédio sexual, abuso verbal, estupro ou outras formas de violência baseada em gênero, nem dentro de casa por causa de abuso doméstico que inclui estupro conjugal e incesto. A violência baseada em gênero é uma pandemia sombria que envenena relacionamentos, famílias e vidas. O impacto é sentido por anos, muitas vezes por toda a vida, e pode ser transmitido para a próxima geração, pois as crianças ficam traumatizadas pelo impacto de crescer em um ambiente de abuso.

A maior parte da violência contra as mulheres é perpetrada por atuais ou ex-maridos ou parceiros íntimos. Mais de 640 milhões de mulheres em todo o mundo com 15 anos ou mais foram submetidas à violência por parceiro íntimo (26% das mulheres).²



Casamento infantil

A prevalência na África Subsaariana varia de 13,5% das meninas em Ruanda a 77% das meninas no Chade.⁶



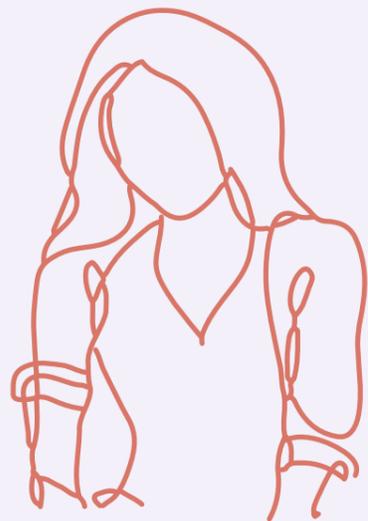
243 milhões

de mulheres e meninas sofreram violência sexual e/ou física por um parceiro íntimo⁴

Na África Subsaariana, uma em cada três meninas se casará antes dos 18 anos, limitando sua educação, aumentando as complicações com risco de vida no parto e tornando-as mais propensas a sofrer violência por parte do parceiro íntimo. A prevalência do casamento infantil na África Subsaariana varia de 13,5% das meninas em Ruanda a 77% das meninas no Chade.⁶

Quinze milhões de meninas adolescentes em todo o mundo, com idades entre 15 e 19 anos, tiveram relações sexuais forçadas (relação sexual forçada e outros atos sexuais). Na maioria dos países, as meninas adolescentes correm maior risco de sexo forçado por um atual ou ex-marido, parceiro ou namorado. Meninas de 20 a 24 anos que se casaram antes de completar 18 anos tiveram 20% mais chances de sofrer violência por parceiro íntimo do que aquelas que se casaram quando adultas.⁶

“Lamentamos a incidência dessa violência e nos comprometemos com processos justos, corretos e transparentes para erradicá-la. Comprometemo-nos novamente a celebrar e respeitar as mulheres, como somos chamadas/os a fazer pelo exemplo que Jesus deu em suas interações com as mulheres.”
Arcebispo Thabo Makgoba, Arcebispo da Cidade do Cabo⁷



As mulheres com deficiência

são duas vezes mais propensas a sofrer abuso e 10 vezes mais propensas a sofrer abuso sexual.

As mulheres com deficiência estão em maior risco de violência e abuso. Elas são duas vezes mais propensas a sofrer abuso e 10 vezes mais propensas a sofrer abuso sexual. Isso se deve à sua maior vulnerabilidade e, em alguns casos, à dependência do apoio de outras pessoas para cuidados pessoais, o que aumenta o risco e a oportunidade de abuso. Se uma pessoa é incapaz de se comunicar claramente com as outras, isso também aumenta o risco de abuso, pois não pode informar às outras sobre o abuso que está ocorrendo.

Mulheres e homens que são marginalizados em uma sociedade por causa de sua raça, etnia, tribo, não-indígenas ou outros status também correm maior risco de violência e abuso. Estereótipos, preconceitos, desigualdade histórica e injustiça aumentam o risco de as denúncias não serem levadas a sério, serem diminuídas ou descartadas. Privilégio e racismo contribuem para a desigualdade estrutural, atitudinal e comportamental que podem criar um ambiente propício para que ocorram abusos e que a justiça seja prejudicada, incluindo o legado do colonialismo e do imperialismo.

Geralmente, onde a vulnerabilidade aumenta, a probabilidade de violência e abuso aumenta.

Violência sexual em conflito

A violência sexual relacionada a conflitos, conforme definida pelas Nações Unidas, refere-se a “estupro, escravidão sexual, prostituição forçada, gravidez forçada, aborto forçado, esterilização forçada, casamento forçado e qualquer outra forma de violência sexual de gravidade comparável perpetrada contra mulheres, homens, meninas ou meninos que estejam direta ou indiretamente ligados/os a um conflito.”⁸

Segundo a ONU, 2.542 casos de violência sexual relacionada a conflitos foram relatados em 2020⁹. Desses, por exemplo, 1.053 (41%) aconteceram na República Democrática do Congo¹⁰. Atualmente, mais de uma dúzia de países têm conflitos em andamento, bem como outros que tiveram conflitos recentemente ou são locais de preocupação.

A violência sexual relacionada a conflitos pode surgir em praticamente qualquer contexto quando os perpetradores tratam as outras pessoas como objetos para corromper ou conquistar. A estatística da ONU de 2020 sobre violência sexual relatada relacionada a conflitos sugere que 96% é perpetrada contra mulheres e meninas e 4% contra homens e meninos.¹¹ É bem conhecido que a violência sexual é subnotificada por muitas razões, especialmente a vergonha e o estigma que muitas vezes a acompanham.

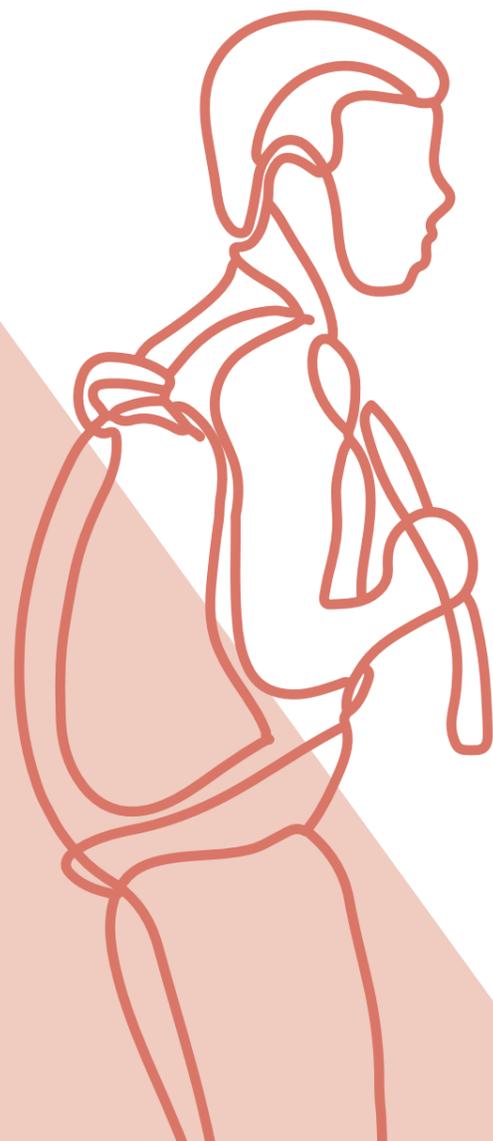


Violência contra homens e meninos

Os homens também sofrem violência de gênero em todo o mundo, mas em menor grau do que as mulheres. Grande parte da violência contra os homens é cometida por outros homens e é mais provável que ocorra em público do que em privado e, às vezes, em relacionamentos homossexuais. Quaisquer que sejam nossos sentimentos em relação a isso, é importante que reconheçamos a realidade do abuso doméstico também para os homens.

Os meninos correm o risco de serem traficados para abuso sexual, bem como de serem abusados dentro de suas próprias famílias. É um assunto altamente tratado como tabu e, no entanto, incidentes foram trazidos à tona no trabalho de organizações cristãs que ajudam sobreviventes de abuso infantil.

Precisamos estar atentas/os e sábias/os ao poder e controle nos relacionamentos, reconhecendo quem detém mais poder e vendo isso à luz do entendimento de que o abuso de poder e o desejo de controle estão no centro da violência baseada em gênero.



Nas Igrejas Também

“A igreja é vista como cúmplice da VBG. O trauma, a dor e o quebrantamento são muito profundos.”

Bispo Margaret Vertue, diocese de False Bay, Igreja Anglicana da África Austral.¹²

Violência baseada em gênero e abuso doméstico acontecem em igrejas de todas as tradições. Por exemplo, a Igreja Anglicana do Canadá continua o difícil trabalho dos processos de verdade, reparação e reconciliação sobre abuso sexual e violência em escolas residenciais para crianças e jovens indígenas e das Primeiras Nações por muitos anos.

Em outro exemplo, a pesquisa focada em frequentadores de igrejas em toda a Cumbria (uma região no Reino Unido) descobriu que uma em cada quatro pessoas frequentadoras de igreja experimentou pelo menos um comportamento abusivo em seu relacionamento atual. Seis mulheres estavam em relacionamentos onde temiam por suas vidas. 42,2 por cento de toda a amostra experimentou pelo menos um dos comportamentos abusivos em um relacionamento atual ou anterior.¹³

O Relatório Nacional da Pesquisa sobre Violência Familiar Anglicana, encomendado pela Igreja Anglicana da Austrália em 2019,¹⁴ pesquisou mais de 2.000 homens e mulheres com mais de 18 anos, incluindo o público em geral e pessoas anglicanas. Os resultados da pesquisa encontraram o seguinte:

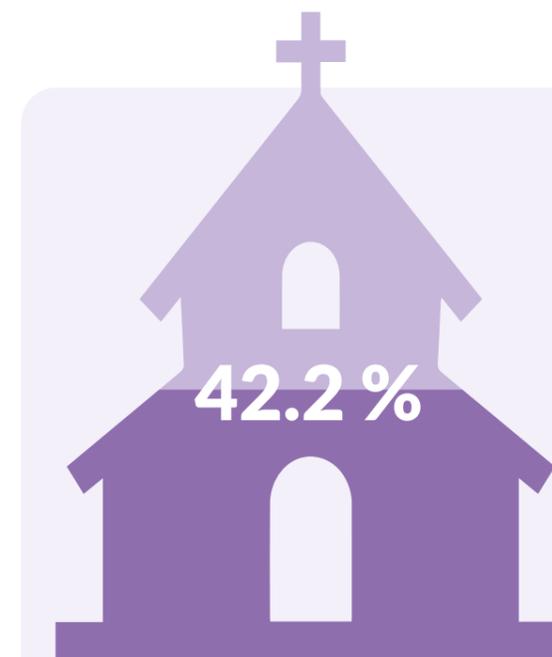
1. a prevalência de violência por parceiro íntimo entre as pessoas anglicanas foi a mesma ou maior do que na comunidade australiana em geral,
2. a prevalência de violência por parceiro íntimo entre as pessoas anglicanas que frequentam a igreja foi a mesma ou maior do que entre outras anglicanas,
3. a prevalência de violência por parceiro íntimo foi maior entre as mulheres do que entre os homens, e
4. A maioria das vítimas anglicanas de violência doméstica não procurou ajuda das igrejas anglicanas.

Abordando o abuso e a violência baseada em gênero como pessoas de fé

“A violência de gênero é uma afronta a Deus e oramos por todas as pessoas afetadas. Como pessoas anglicanas em todo o mundo, vamos nos comprometer a acabar com a violência contra as mulheres em todas as suas formas.”

Reverendíssimo Justin Welby, Arcebispo de Cantuária

25 de novembro de 2020, Twitter



Em um estudo entre pessoas frequentadoras de igreja em Cumbria
42.2 %

de toda a amostra experimentou pelo menos um dos comportamentos abusivos em um relacionamento atual ou anterior.¹³

A violência baseada em gênero é uma afronta a Deus porque toda a humanidade é criada à imagem de Deus (Gênesis 1.27). Violar outra (só porque ela é mulher, por exemplo) desrespeita a criação que Deus declarou boa (Gênesis 1. 31). Embora as primeiras histórias bíblicas revelem situações de estupro e tratamento desrespeitoso a mulheres, Jesus deixa claro ao longo dos evangelhos que abuso e violência não têm lugar no reino de Deus.

Como pessoas cristãs, somos chamadas a desafiar as mensagens transmitidas nas culturas das famílias, comunidades ou sociedade de que o abuso doméstico ou a violência baseada em gênero é aceitável. Como o arcebispo Henri Iningoma da Igreja Anglicana do Congo (RDC) disse em 2014, “as mulheres em nosso país pagaram um alto preço pela instabilidade e atitudes culturais que continuam a influenciar nossa sociedade. Somos chamadas/os a desafiar essas atitudes nocivas e a compartilhar a mensagem divina de igualdade entre homens e mulheres, para o bem-estar de todas as pessoas.”¹⁵

Igualdade significa amar, respeitar e tratar a outra pessoa como gostaria de ser tratada/o. Significa também que todos os relacionamentos devem refletir o amor permanente de Deus.

Olhando para as Escrituras

As pessoas anglicanas têm feito muito trabalho nesta questão através do projeto *Bíblia na Vida da Igreja*¹⁶. É importante olhar para a teologia do ser humano e o que isso significa para nossa identidade em Cristo. Somos seres humanos únicos, feitos à imagem de Deus e em relação uns com os outros. Cada pessoa reflete a imagem de Deus. É importante que tenhamos isso em mente ao analisar as escrituras e nossa resposta à violência baseada em gênero.

“Em virtude da encarnação de Deus em Cristo, a diferença de gênero, em vez de ser divisiva, convida e pressupõe relacionamento e unidade, tanto com nosso Criador quanto entre nós.”¹⁷

Efésios 5. 22-24 tem sido usado para justificar comportamentos dominadores e abusivos contra esposas e mulheres em geral. Quando os versículos 25 a 30 são ignorados, que exortam os maridos a amar suas esposas como o amor abnegado de Cristo pela igreja e a respeitá-las como seu próprio corpo, isso é um mau uso da Sagrada Escritura. Moralmente, esta passagem é sobre como um casal cuida um do outro no amor de Cristo.

A violência baseada no gênero também contradiz os ensinamentos cristãos sobre reconciliação e vida como a comunidade amada de Cristo, na *koinonia*. A reconciliação depende do arrependimento e do perdão. Aquelas pessoas que fizeram o mal devem primeiro reconhecer a pecaminosidade de seu comportamento e se arrepender fazendo mudanças permanentes em sua conduta. Jesus deixa isso claro em seu Sermão do Monte (por exemplo, Mateus 5. 23-24) e em outros lugares, como quando o perdão ou a cura são seguidos por sua instrução de ir e não pecar mais (por exemplo, João 5. 14). Esse arrependimento moral é essencial e o que torna possível o perdão e o caminho da reconciliação.

Respostas éticas ao mal da violência baseada em gênero

“Jesus ensina que cada pessoa é valorizada e amada por Deus – vamos trabalhar para acabar com a discriminação e erradicar práticas nocivas que perpetuam a violência contra as mulheres.”

Reverendíssimo Justin Welby,
Arcebispo de Cantuária

8 de março de 2021, Twitter

Assim como Jesus responde com compaixão à mulher que foi pega em adultério e desafia seus acusadores masculinos a refletirem sobre seu próprio comportamento pecaminoso do passado (João 8. 3-11), há apenas um padrão para todas as pessoas no reino de Deus. Ninguém merecia mais punição simplesmente por causa de seu gênero.

Para viver como comunidade amada na comunhão da *Koinonia*¹⁸ de acordo com o evangelho, devemos acabar com todos os padrões duplos baseados em gênero que justificavam e permitiam que o comportamento abusivo e violento continuasse. Aquelas pessoas que se beneficiavam de tais padrões, na maioria das vezes homens, devem assumir um papel de liderança, denunciando-os e defendendo um padrão para todas as pessoas, fundamentado na compaixão e no amor de Cristo, especialmente dentro de nossas igrejas e comunidades.

Mulheres e homens de fé podem fazer muito para tornar as igrejas lugares seguros para ensinar o amor cristão e o respeito mútuo, para que o abuso e a violência baseada em gênero não possam ser nutridos em uma cultura de silêncio ou desrespeito. Isso começa em cada congregação e em todos os níveis da igreja. Como disse a estudiosa australiana Leonie Westenberg: “As igrejas cristãs, ao construir uma resposta à violência doméstica, devem examinar o papel da linguagem religiosa na prática, nas estruturas da igreja, na liturgia e nos programas relativos ao casamento e ao aconselhamento.”¹⁹

O arcebispo Thabo Makgoba reconheceu que a violência baseada em gênero se tornou uma segunda pandemia na igreja e na cultura. Ele afirma que a Igreja precisa se comprometer a respeitar as mulheres, segundo “o exemplo que Jesus deu em suas interações com as mulheres” e acrescenta: “às mulheres da Província e do mundo, caminharemos ao seu lado enquanto mudamos as políticas da Igreja e do Estado para refletir nossos compromissos. O caminho será doloroso enquanto buscamos a verdade transformadora de Cristo, mas venceremos e celebraremos com você quando juntas/os acabarmos com este flagelo.”⁷

O Comitê Permanente Provincial de sua Igreja apresentou uma resolução com medidas específicas para erradicar a violência baseada em gênero, incluindo a implementação de um programa com pessoas dedicadas para garantir que seja realizado em dioceses e paróquias. Orações, leituras, liturgias, estudo bíblico e outros materiais ajudarão a transformar as comunidades da igreja em direção ao culto e às práticas inclusivas de gênero.²⁰

O Conselho Consultivo Anglicano (CCA), um dos quatro Instrumentos da Comunhão Anglicana, reconheceu a necessidade da Comunhão Anglicana abordar a justiça de gênero e prevenir e acabar com a violência baseada em gênero. Ao fazê-lo, a Comunhão Anglicana tomará seu lugar no serviço ao mundo em geral, conforme expresso em suas preocupações e intenções em várias resoluções do CCA (ver Apêndice Dois).

Assim como Jesus responde com compaixão à mulher que foi pega em adultério e desafia seus acusadores masculinos a refletirem sobre seu próprio comportamento pecaminoso do passado, há apenas um padrão para todas as pessoas no reino de Deus. Ninguém merecia mais punição simplesmente por causa de seu gênero.

Como as igrejas podem se envolver e responder

“É defendendo os direitos de meninas e mulheres que realmente estamos à altura como homens.”

Arcebispo Desmond Tutu²¹

As igrejas podem se engajar estando cientes e reconhecendo como podem ter participado de atitudes ou comportamentos opressivos e, em seguida, tomar medidas para garantir que suas práticas e as de seu clero e lideranças leigas sejam consistentes com os ensinamentos do evangelho sobre a igualdade e dignidade de todas as pessoas.

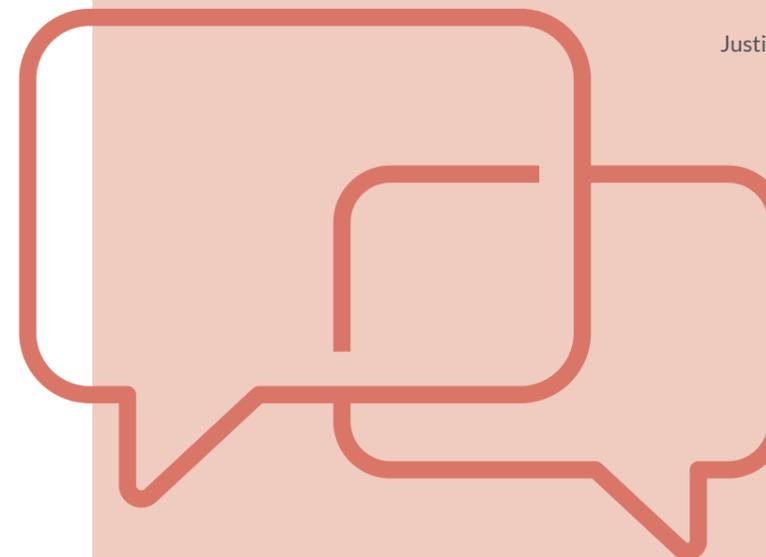
Os líderes religiosos, especialmente os homens, devem falar publicamente contra os males de uma cultura mais ampla de violência que justifica o comportamento abusivo, especialmente em tempos de agitação social, conflito e guerra. O silêncio permite que o comportamento pecaminoso apodreça e cresça. O evangelho contém uma mensagem poderosa para ser espalhada – ou evangelizada – especialmente em tempos de conflito.

Os líderes religiosos também têm um papel na pregação e ensino da mensagem do evangelho da masculinidade cristã baseada na humildade de Jesus e seu respeito pela igual dignidade de todas as pessoas, incluindo mulheres e meninas. Efésios também ensina que a masculinidade cristã significa amar, cuidar e zelar pelo bem-estar do cônjuge e da família, bem como das outras pessoas.

O Capítulo V explora e discute os entendimentos do Novo Testamento sobre a masculinidade e a feminilidade cristãs.

As/os líderes religiosas/os devem construir uma cultura de confiança e apoio para que aquelas pessoas que sofrem abuso ou violência se sintam à vontade para falar sem medo de represálias ou culpa. As pessoas de fé devem ser compassivas com aquelas que foram vítimas, ajudando-as a se curarem espiritual e emocionalmente e capacitando-as a contribuir para um futuro livre de abuso. As pessoas sobreviventes da violência baseada em gênero oferecem um testemunho poderoso da necessidade de mudança e podem ser participantes úteis na transformação da injustiça.

Todos esses passos devem ser acompanhados de oração para curar nossos relacionamentos quebrados, comunidades e o mundo em que habitam, para que todas as pessoas possam ser respeitadas e reconciliadas no amor infinito de Deus.



Questões para discussão

Quando ouvimos pela primeira vez sobre a realidade brutal do abuso doméstico e as muitas e variadas maneiras pelas quais uma pessoa pode ser abusada, isso pode nos deixar chocadas/os, atordoadas/os, traumatizadas/os ou desencadeadas/os por ter sofrido abuso anteriormente ou sofrer abuso atualmente. Reserve um tempo para processar as informações e qualquer reação às informações. Seja gentil consigo mesma/o (e com as outras pessoas no grupo) durante esse período.

1. Como as estatísticas fazem você se sentir?
2. Considere o número de mulheres em sua igreja. Com uma em cada três mulheres globalmente sendo abusadas em sua vida, quantas mulheres em sua igreja teriam sido?
3. Onde uma mulher obteria ajuda e apoio em sua igreja ou comunidade?
4. O que impede uma mulher de acessar ajuda?
5. No Salmo 139. 23-24 o rei Davi fez esta oração: *“Ó Deus, examina-me e conhece o meu coração! Prova-me e conhece os meus pensamentos. Vê se há em mim algum pecado e guia-me pelo caminho eterno”*. Você poderia fazer esta oração, ouvir e agir de acordo com a inspiração de Deus?
6. Há alguma de suas próprias atitudes e comportamentos que você precisa refletir e mudar?

Referências

¹ Declaração das Nações Unidas sobre a Eliminação da Violência Contra as Mulheres, 1993, Divisão das Nações Unidas para o Avanço das Mulheres – Relatórios e resoluções sobre a violência contra as mulheres
un.org/womenwatch/daw/vaw/reports.htm#declaration

² Fatos e números: Acabar com a violência contra as mulheres | O que fazemos | ONU Mulheres – Sede
unwomen.org/en/what-we-do/ending-violence-against-women/facts-and-figures

³ O impacto duradouro da violência contra mulheres e meninas – Escritório de Estatísticas Nacionais
ons.gov.uk/peoplepopulationandcommunity/crimeandjustice/articles/thelastingimpactofviolencecontrawomenandgirls/latest

⁴ A Pandemia Sombria: Violência contra as mulheres durante a COVID-19 | ONU Mulheres –
unwomen.org/en/news/in-focus/in-focus-gender-equality-in-covid-19-response/violence-against-women-durante-covid-19

⁵ Chefe da ONU pede “cessar-fogo” da violência doméstica em meio a “horrrível aumento global” | Notícias da ONU
news.un.org/en/story/2020/04/1061052

⁶ Bright Opoku Ahinkorah et al. (2021) Associação entre casamento de meninas e violência por parceiro íntimo na África Subsaariana: Percepções de uma análise de múltiplos países de pesquisas demográficas e de saúde, sagepub.com

⁷ Arcebispo Thabo Makgoba: Arcebispo espera que a Igreja declare a VBG “mal”
archbishop.anglicanchurchsa.org/2020/08/archbishop-hopes-church-will-declare.html

⁸ Dia Internacional para a Eliminação da Violência Sexual em Conflitos | Nações Unidas
un.org/en/observances/end-sexual-violence-in-conflict-day

⁹ Quando a violência é silenciada, cicatrizes profundas permanecem | Site do SEAE (europa.eu)
eeas.europa.eu/eeas/when-violence-silenced-deep-scars-stay_en

¹⁰ Violência Sexual Relacionada a Conflitos – Relatório do Secretário Geral da ONU 30 de março de 2021
un.org/sexualviolenceinconflict/wp-content/uploads/2021/04/report/conflict-related-sexual-violence-report-of-the-united-nations-secretary-general/SG-Report-2020editedsmall.pdf

¹¹ Violência Sexual Relacionada a Conflitos – Relatório do Secretário Geral da ONU, Modelo de Apresentação
un.org/sexualviolenceinconflict/wp-content/uploads/2021/04/factsheet-12th-annual-report-of-the-sg-on-conflict-related-sexual-violence-csv/factsheet2020-1.pdf (acessado em 29.06.22)

¹² Serviço Episcopal de Notícias “Igreja Anglicana da África Austral reconhece cumplicidade na violência baseada em gênero” 24 de setembro de 2020
episcopalnewsservice.org/2020/09/24/anglican-church-of-southern-africa-acknowledges-complicity-in-gender-based-violence/

¹³ Nas Igrejas Também: Resposta da Igreja ao Abuso Doméstico – Um estudo de caso de Cumbria, Dr. Rebecca Barnes, Março de 2018, Universidade de Coventry e Universidade de Leicester, para Restaurados

¹⁴ Relatório Nacional de Pesquisa sobre Violência Familiar Anglicana, encomendado pela Igreja Anglicana da Austrália, abril de 2021
anglican.org.au/wp-content/uploads/2021/06/NAFVP-Top-Line-Results-Report-NCLS-Research.pdf

¹⁵ Isingoma foi Arcebispo do Congo, 2009-16. Anglican Communion News Service, “Líderes religiosas/os da RDC prometem eliminar a violência sexual” 28 de fevereiro de 2014.
anglicannews.org/news/2014/02/drc-faith-leaders-pledge-to-eliminate-sexual-violence.aspx

¹⁶ Projeto A Bíblia na Vida da Igreja
anglicancommunion.org/resources/the-bible-in-the-life-of-the-church.aspx

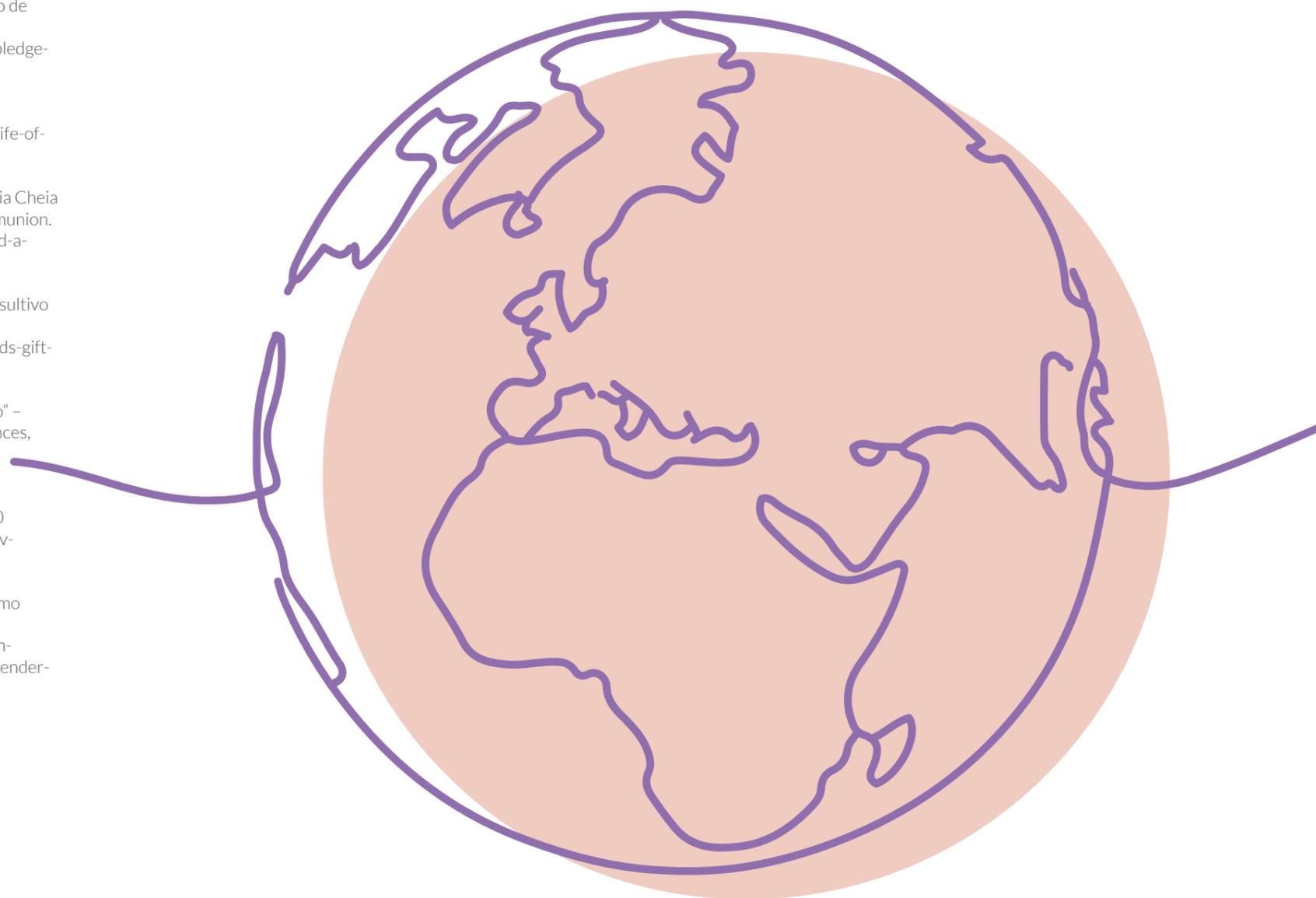
¹⁷ À Imagem e Semelhança de Deus: Uma Antropologia Cheia de Esperança – O manifesto de Buffalo
anglicancommunion.org/media/208538/in-the-image-and-likeness-of-god-a-hope-filled-anthropology-2015.pdf

¹⁸ Koinonia: Dom e Chamado de Deus, Conselho Consultivo Anglicano
anglicancommunion.org/media/421817/koinonia-gods-gift-calling.pdf

¹⁹ Leonie Westenberg, “Quando ela pede por Socorro” – Violência doméstica em Famílias Cristãs”, Social Sciences, 2017, 6(3), 71
doi.org/10.3390/socsci6030071

²⁰ “PSC pede ação contra GBV”, 3 de outubro de 2020
anglicanchurchsa.org/psc-calls-for-action-against-gbv-empowerment-of-women

²¹ Arcebispo Desmond Tutu, “Vamos estar à altura como homens”, 5 de dezembro de 2012
girlsnotbrides.org/articles/let-us-measure-up-as-men-desmond-tutu-on-engaging-men-and-boys-against-gender-based-violence



Uma história pessoal pelo Rev. Dominic Misolo

Diretor do Instituto para Fé e Empoderamento de Gênero (IFAGE), Quênia

Minha esposa, Christine, e eu celebramos a glória de descobrir a vontade de Deus para homens e mulheres como seres humanos iguais. Deus usou essa descoberta simples para nos ensinar uma compreensão radicalmente diferente sobre sua vontade no que diz respeito ao relacionamento entre mulheres e homens. Mudou nossas vidas e já está confrontando o patriarcado da cultura e da igreja no Quênia.

Uma verdade escondida

Nasci em uma família poligâmica tradicional, dominada por homens, que mantinha convicções culturais comuns que retratam os homens como superiores às mulheres. Nossa cultura vê as mulheres como inferiores de muitas maneiras. Temos ditos comuns que se referem aos homens como pilares, grandes touros e búfalos, heróis e leões. Enquanto isso, as mulheres são chamadas de mangustos, porque o mangusto não pertence à casa, mas ao mato. Esta é uma referência à crença de que o destino de uma mulher é determinado no casamento. Ela não pertence verdadeiramente à sua família biológica, mas ao seu futuro marido. Se ela atingir a idade de casar e morrer solteira, acredita-se que enterrá-la em seu local de nascimento traz má sorte para as/os irmãs/os mais novas/os e uma maldição para a comunidade.

Assim, toda menina deve ser casada. Uma vez casada, o marido é considerado o protetor e provedor da família e o doador das/os filhas/os. As mulheres são simplesmente as portadoras de filhas/os e devem ser donas de casa e ajudar seus maridos a criar as/os filhas/os. Hoje em dia, muitas mulheres são educadas e agem como provedoras, mas ainda se espera que desempenhem as tarefas tradicionais em casa. Essa formação e cultura me influenciaram muito poderosamente, e cresci acreditando na mentira de que os machos são superiores às fêmeas e devem ter poder sobre elas.

No contexto queniano, essa é a lente cultural que informa o ministério, tanto na pregação quanto na interpretação das Escrituras. Por esta razão, acredito fortemente que os ministros da igreja contribuíram

grandemente para a criação de sociedades e estruturas injustas que destroem e prejudicam as mulheres. Mesmo antes de os missionários europeus chegarem ao Quênia, as crenças religiosas tradicionais não permitiam que as mulheres fossem sacerdotes e adivinhos. Eles eram percebidos como impuros, especialmente durante a menstruação. A igreja trouxe muita cura para nossa cultura, mas ainda defende o patriarcado ao interpretar mal a Bíblia.

As Escrituras têm sido mal utilizadas para afirmar a superioridade masculina. Eva, diz-se, foi criada a partir de Adão como uma ideia tardia. Então, ela foi enganada pela cobra porque ela era o sexo frágil e porque ela não era uma criação original (porque ela foi criada de Adão). Ainda pior do que seu pecado original é a relação sexual que ela oferece a Adão. Isso é culpado por derrubar a humanidade e causar o sofrimento do mundo.

No Novo Testamento, os dois mandamentos de Paulo para que as mulheres se submetam a seus maridos e fiquem em silêncio na igreja são tirados do contexto para afirmar que a desigualdade é o ideal de Deus.

Ensinações sobre casamento muitas vezes possibilitam a violência doméstica. Visto que a Bíblia ensina que o casamento é ordenado por Deus e valioso, muitas igrejas ensinam que nenhum casamento deve terminar. Assim, mesmo mulheres maltratadas e vilipendiadas não podem se afastar de um casamento.

E porque o sexo é um assunto tabu em nossa cultura, as igrejas não abordam o abuso sexual. Ao ensinar que a Bíblia defende o patriarcado e ao não abordar o abuso doméstico, a igreja contribuiu para uma cultura que permite que as mulheres sejam violentadas e espancadas, até a morte. Por muitos anos, não reconheci os problemas e a injustiça desses ensinamentos.

Quando comecei a frequentar a universidade, já era sacerdote ordenado com quatro anos de experiência e havia concluído um curso de graduação em teologia pastoral. No entanto, devo confessar que, apesar de meu treinamento e experiência, me apeguei a essas interpretações e teologias errôneas e acreditei fortemente na supremacia do homem sobre a mulher como algo natural e ordenado por Deus. A ideia de igualdade bíblica era estranha e desconhecida para mim.

Uma verdade descoberta

Em 2009, eu estava no meu primeiro ano de estudos na Universidade Saint Paul. Eu estava procurando livros e revistas na biblioteca para um trabalho de classe quando me deparei com *Priscilla Papers*, a revista acadêmica de pessoas Cristãs pela Igualdade Bíblica. Ao ler esses diários, fiquei curioso e interessado em aprender mais. Eles desafiaram minha visão de mundo tradicional com fatos sobre a Bíblia, fé e sociedade. Continuei lendo *Priscilla Papers* não apenas por aventura acadêmica, mas como um documento teológico com grande potencial para mudar minha vida e ministério.

Em pouco tempo, eu estava convencido de que a Bíblia exige igualdade entre homens e mulheres. Essa convicção levou a mudanças imediatas, que Deus já está usando para curar muitas pessoas.

A boa nova da igualdade bíblica transformou meu relacionamento com minha esposa e também nos desafiou a nos engajarmos em novos tipos de ministério.

Não vejo mais minha esposa, Christine, apenas como uma dona de casa; agora ela é uma parceira próxima com potencial, habilidades e a capacidade de traçar seu próprio destino e sustentar nossa família. Agora somos capazes de discutir questões importantes de forma madura e em pé de igualdade. Quando contei a Christine sobre meu sonho de espalhar a igualdade bíblica, ela me disse:

“Sinto a necessidade de estar ao seu lado nesta jornada, e meu chamado é examinar os desafios práticos e diários enfrentados pelas mulheres pobres da comunidade”.

Concluimos que para seguir essa visão, Christine deveria cursar a universidade e obter o título de bacharel em educação. Além de ser muito inteligente e talentosa, Deus já está colocando seus dons a serviço na comunidade. Ela formou um grupo chamado Aliança de Gênero pela Saúde e Desenvolvimento Comunitário. O grupo, formado por mulheres de várias igrejas locais, explora formas de empoderar as mulheres por meio da agricultura, criação de aves, poupança e empréstimos e educação básica sobre direitos humanos.



Uma verdade traz cura

A igualdade bíblica está atualmente confrontando o patriarcado e suas consequências devastadoras. Ao pregarmos a igualdade bíblica por meio de projetos e estudos bíblicos em igrejas e grupos comunitários, vimos Deus libertando seu povo da opressão, abuso e injustiças. Decidimos tornar este ministério oficial registrando uma nova organização religiosa sem fins lucrativos chamada Fundação Ekklesia para Educação de Gênero (EFOGE). A EFOGE tornou-se uma líder africana na defesa da justiça e igualdade de gênero a partir de uma perspectiva bíblica.

Quando começamos a falar publicamente, alguns sacerdotes e líderes da igreja argumentaram que nossos ensinamentos eram heréticos. Outros acreditam que somos como vários grupos feministas populares no Quênia que causaram danos a famílias e casamentos ao criar uma batalha pela supremacia entre homens e mulheres. Mas há outros, como o Bispo Johannes Angela, da Diocese Anglicana de Bondo, que reconhece nossa missão de libertar as pessoas da injustiça e oferece seu total apoio. Graças ao apoio de muitas/os parceiras/os e amigas/os ao redor do mundo, estamos trabalhando em muitos projetos voltados para a justiça e a igualdade.

Estamos trabalhando pela igualdade para estudantes e líderes da igreja. Por meio de parcerias com sete escolas nos distritos de Bondo e Rarieda, no Quênia, estamos treinando jovens em liderança bíblica, justiça de gênero e igualdade. Conseguimos ajudar a pagar as mensalidades escolares de 18 alunas carentes e estamos fornecendo produtos de higiene feminina para as meninas para que possam continuar na aula durante a menstruação e, portanto, receber a mesma educação que os alunos do sexo masculino.

Estamos planejando uma conferência anual de liderança pan-africana para enfatizar a igualdade bíblica entre as/os líderes e estamos ajudando a coordenar grupos igualitários emergentes em Uganda, Tanzânia, Ruanda, Burundi, Gana, Sudão do Sul e Nigéria.

Vemos um grande potencial para o poder de cura da igualdade bíblica na igreja queniana. Vimos igrejas ordenando mulheres e elevando-as a posições influentes. Recentemente, a Diocese Anglicana de Bondo instalou a Venerável Monica Owiti como arqui-diácona. Ela é a primeira mulher em todo o oeste do Quênia a ocupar este cargo. Duas reverendas foram promovidas ao cargo de deãs rurais, que têm autoridade para supervisionar muitas igrejas e paróquias. Mais e mais mulheres reverendas estão sendo consideradas para ordenação e nossas igrejas

vizinhas estão se abrindo para mulheres na liderança. Atualmente, temos mais de 15 igrejas que estão se inscrevendo para fazer parceria conosco no trabalho de igualdade bíblica.

A igreja é uma das instituições sociais mais fortes no Quênia e em muitas partes da África. No passado, isso significou que foi capaz de prejudicar as mulheres ao ensinar o patriarcado. Mas hoje, isso significa que a igreja tem um grande potencial para mudar as atitudes das pessoas sobre gênero e moldar valores culturais para curar comunidades, famílias e indivíduos. Já estamos vendo isso acontecer quando as igrejas abraçam a verdade de Deus sobre gênero. Mulheres e homens estão sendo curadas/os e libertadas/os da opressão. A igualdade bíblica é real e nós somos testemunhas. É através deste ministério que podemos verdadeiramente mostrar nosso amor umas/uns pelas/os outras/os e trazer cura para a humanidade.

Reverendo Dominic Misolo é um sacerdote anglicano na Diocese de Bondo, no Quênia. Ele é o fundador e presidente da Fundação Ekklesia para Educação de Gênero (efogeinternational.org). Ele estudou teologia na Universidade de Saint Paul, no Quênia.

Desigualdades de gênero ao longo da história e entre culturas

Gênero pode ser um dom precioso para ajudar a expressar as diferenças humanas. Mas quando esse dom se corrompe, essas diferenças podem fazer com que algumas pessoas sejam mais valorizadas ou outras sejam abusadas e excluídas. Prejudica a capacidade de uma comunidade ou sociedade de fazer o melhor uso de seus muitos dons e talentos. Também obstrui o cumprimento da missão de Deus no mundo. Jesus muitas vezes ensinou sobre a necessidade de as pessoas seguidoras tratarem umas às outras como elas o tratariam (Mateus 25. 31-46). Paulo, na igreja primitiva, destacou esse ponto quando disse que o status de uma pessoa – seja etnia, poder ou servidão, ou gênero – não a tornava maior ou menor em Cristo (Gálatas 3. 28). Todas as diferenças que as pessoas usam para se colocarem acima das outras, Deus vê como iguais.

Desigualdade de gênero no trabalho

Poucas sociedades tiveram completa igualdade de gênero, embora as mulheres tenham tido maior status e respeito em algumas culturas do que em outras. Pesquisadoras/es apontaram que em sociedades tribais onde a sobrevivência depende da caça e coleta ou do cultivo de culturas, as diferenças de gênero não foram valorizadas de forma a criar desigualdades significativas. Isso porque as mulheres podem se encaixar mais facilmente nessas atividades com a gravidez e a amamentação.

Na maioria das sociedades que desenvolveram riqueza suficiente para ir além de uma economia de subsistência (que atende às necessidades básicas, mas não usa dinheiro), o trabalho que mulheres e homens fazem muitas vezes se divide em empregos e tarefas especializadas. As mulheres tornaram-se responsáveis pelo trabalho reprodutivo, como o trabalho de criar as/os filhas/os, cozinhar, costurar, cuidar de doentes e idosas/os e outras tarefas envolvidas na manutenção da casa e da comunidade. Os homens assumiam empregos que envolviam trazer dinheiro e outros recursos, o que em termos econômicos é chamado de trabalho produtivo. À medida que o trabalho remunerado fora de casa aumentou em sua importância para a sobrevivência da família,

este também ganhou status mais elevado do que o trabalho doméstico reprodutivo. Onde as mulheres faziam trabalho remunerado, até recentemente, suas ocupações muitas vezes envolviam cuidar, ensinar crianças e outras formas de trabalho reprodutivo que são feitos para outras pessoas. Mesmo onde homens e mulheres têm os mesmos empregos, as mulheres, em média, recebem menos e têm mais dificuldade para serem promovidas. Essa divisão clássica do trabalho é familiar à maioria das sociedades modernas.

O ditado “o trabalho da mulher nunca acaba” geralmente significa que as mulheres não têm tempo para relaxar depois de um dia de trabalho, pois as refeições devem ser preparadas, a limpeza feita e as necessidades familiares atendidas. Nos lares onde as mulheres trabalham por dinheiro, elas também têm a maior parte e, às vezes, todo o trabalho doméstico não remunerado para fazer. Em algumas culturas, os homens ajudam nas tarefas domésticas e a cuidar das/os filhas/os, mas geralmente fazem menos do que as mulheres, mesmo quando ambos trabalham em tempo integral fora de casa¹. Essas desigualdades são encontradas em sociedades de todo o mundo, independentemente da riqueza econômica ou da porcentagem de mulheres na força de trabalho remunerada. No geral, a quantidade e o tipo de trabalho que mulheres e homens continuam a fazer ainda é desigual.

Espaço de gênero e desigualdade de gênero

O controle do espaço público e privado tem uma longa história em determinar como o gênero e outras formas de desigualdade continuam. Não costumamos pensar em como o espaço pode ser dividido pelo gênero, com limites diferentes para onde é aceitável que mulheres ou homens possam ir, e as várias penalidades para quem entra em um espaço onde não deveria estar. Dentro de cada cultura, o espaço de gênero também inclui como somos ensinadas/os a andarmos ou nos movermos, os gestos faciais ou com as mãos que podemos usar ou nossas roupas ou vestimentas para nos cobrirmos.

O poder se manifesta na forma como o espaço é controlado, quais espaços são limitados para algumas pessoas por outras e quem procura aplicar as penalidades e o tipo de punição aplicada. Os usos do espaço pelas mulheres passam a ser observados e controlados de uma forma que os usos dos homens não os são. Em muitas culturas, crianças pequenas podem brincar juntas no mesmo espaço, ou realizar atividades ou tarefas semelhantes, sem causar preocupação ou atenção às diferenças de gênero³. Normalmente, à medida que as meninas se aproximam da puberdade, seu uso do espaço se torna mais restrito do que para os meninos. Tais mensagens são comunicadas tanto por valores de modéstia quanto por medos de violência física e sexual para meninas e mulheres que infringem as regras. Em algumas situações, estar fora do lugar é visto como algo que justifica ser “merecido” o que quer que aconteça com ela.

As desigualdades de gênero que se desenvolvem por meio de restrições de espaço são internalizadas pela própria mulher, tornando-se parte do que ela acredita que as mulheres podem ou não fazer, podem ou não ser. Com o tempo, a limitação do espaço das mulheres afeta sua capacidade de realizar determinadas tarefas, adquirir as habilidades e a experiência necessárias para alguns empregos ou para obter educação. O resultado é que os homens têm acesso a muito mais espaço público do que as mulheres, sem medo de ameaças ou violência. Com o acesso vêm muito mais oportunidades na vida.

Biblicamente, Jesus desafiou as práticas de sua época ouvindo e falando com mulheres “fora de lugar” no espaço público, principalmente quando apareciam sozinhas: estivessem elas pedindo cura (Marcos 5 e 7), ou a mulher que ele conheceu no poço (João 4). Sua mensagem era clara de que a humanidade básica de todas as pessoas deveria ser respeitada em todos os espaços, e que o gênero não decidia a quantidade de respeito ou o tipo de tratamento que alguém deveria receber. Desta forma, Jesus aponta para a igualdade humana fundamental que todas as pessoas merecem.

Biblicamente, Jesus desafiou as práticas de sua época ouvindo e falando com mulheres “fora de lugar” no espaço público, principalmente quando apareciam sozinhas: estivessem elas pedindo cura, ou a mulher que ele conheceu no poço.

Desigualdade de gênero e trabalho na igreja

A igreja sempre foi um espaço onde as mulheres foram acolhidas. Na igreja primitiva, homens e mulheres muitas vezes trabalhavam juntas/os e seus papéis se sobrepunham. Febe serviu como diácona (Rm 16.1), Júnia como apóstola (Rm 16.7); Prisca e Áquila trabalharam devotadamente para sua igreja (Romanos 16. 3).

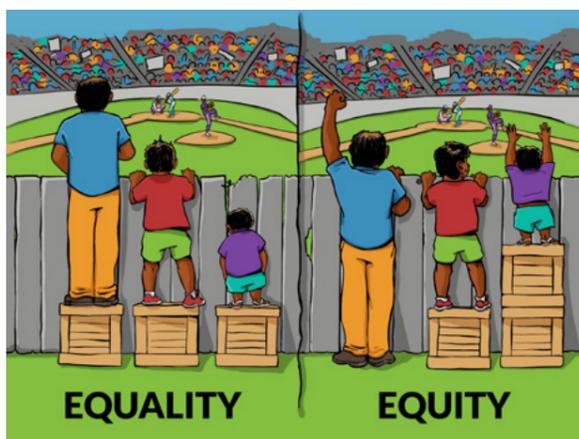
No entanto, com o tempo, o trabalho das mulheres na igreja se tornou cada vez mais separado do trabalho dos homens, tanto no tipo de trabalho que faziam quanto nos papéis que desempenhavam. Ainda hoje, certos grupos ou tarefas podem ser considerados principalmente domínios de “mulheres” ou “homens”, como quem prepara o altar para o culto ou quem ensina educação cristã às crianças. Tradicionalmente, os homens têm ocupado as posições de tomada de decisão sobre como o serviço à igreja deve ser feito e por quem.

O trabalho das mulheres na igreja, seja leigo ou ordenado, pago ou não, ainda é controverso em muitos lugares, com crenças teológicas persistentes sobre os papéis leigos ou ordenados que as mulheres devem ou não ter, ou argumentos culturais de que a liderança das mulheres em papéis não tradicionais não seria aceito. Embora mulheres e homens tenham cada vez mais cargos semelhantes na equipe ou em cargos voluntários, ainda há uma diferença de gênero em cargos de liderança e, em algumas igrejas, no pagamento por trabalho semelhante.



Diferenças de gênero, igualdade e equidade

É importante reconhecer que a igualdade de gênero é diferente da equidade de gênero. Em um mundo ideal, a igualdade significaria que as pessoas são tratadas igualmente e têm os mesmos direitos humanos e oportunidades. No entanto, tratamento igualitário nem sempre resulta em resultados iguais para todas as pessoas na vida real (veja a ilustração). A equidade reconhece que podem existir diferenças, como uma mulher que precisa de folga para dar à luz, mas essas diferenças são valorizadas e tratadas de forma justa e correta para todas as pessoas. A equidade é o processo usado para trazer igualdade de acesso a oportunidades e resultados potenciais.



por Angus Maguire © Instituto de Interação por Mudança Social.

A equidade de gênero é importante tanto para homens quanto para mulheres. Embora os homens possam desistir do poder que vem com o domínio sobre as mulheres, eles ganham respeito com base no amor e não no medo. Eles também se aproximam do modelo de relacionamentos equitativos que as escrituras do Novo Testamento nos chamam a seguir. Idealmente, os objetivos de igualdade e equidade de gênero devem envolver tratar as pessoas de uma forma que destrua o valor desigual que é atribuído às nossas diferenças humanas, especialmente quando algumas são reverenciadas e outras desrespeitadas. A igreja tem uma importante oportunidade de modelar o que é possível para o resto da sociedade.

Ao falar de desigualdade de gênero, também é importante lembrar que nem todos os homens são dominantes e poderosos, e nem todas as mulheres são impotentes. Nem todas as pessoas têm os mesmos dons ou habilidades, e algumas têm mais limitações físicas ou mentais do que outras. Às vezes, as diferenças são temporárias, como as exigências físicas e emocionais de ter filhas/os ou responsabilidades de cuidar; outras vezes são permanentes. O lugar de uma pessoa em sua sociedade ou cultura, sua idade, riqueza ou pobreza, etnia ou raça, podem afetar o poder em potencial que ela pode deter. No entanto, embora nem todas as pessoas sejam exatamente iguais, todas são igualmente valorizadas por Deus. As diferenças são simplesmente parte de nossa humanidade, e não justificativas para valorizar umas pessoas mais do que outras ou tratar alguns grupos de pessoas de forma desigual.

Com o tempo, as diferenças em como se espera que homens e mulheres se comportem podem se tornar cada vez mais rígidas e desiguais, muitas vezes sem pensar se essas diferenças são morais ou justas. No Novo Testamento, o respeito e o tratamento de Jesus às mulheres ofereciam uma mensagem poderosa de quão importante era restaurar a justiça de gênero tratando as mulheres igualmente.

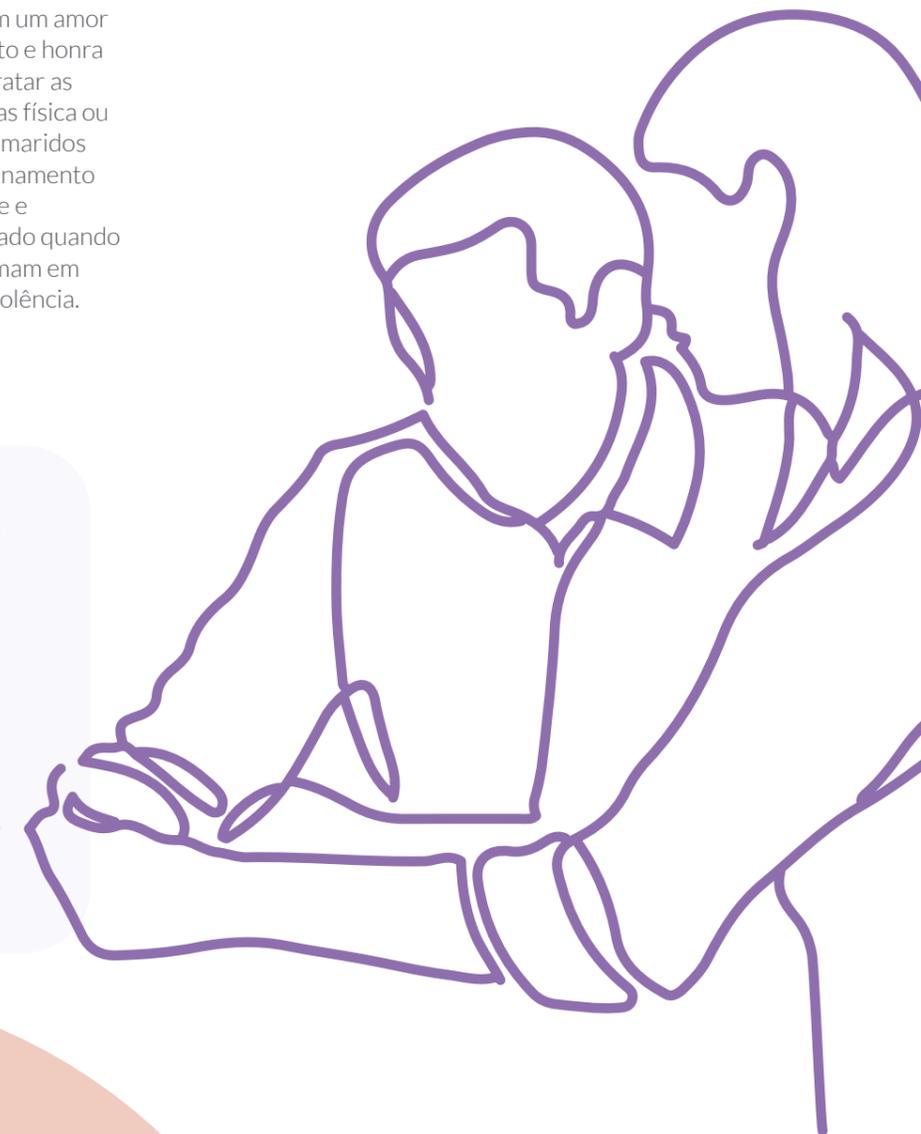
As mulheres não deviriam ser apedrejadas enquanto os homens ficavam impunes por adultério (João 8. 1-11). O sangue menstrual das mulheres não era visto como impuro ou capaz de contaminar aquele que poderia tratá-la ou curá-la (Mateus 9. 20-23). Mulheres à margem da sociedade eram dignas de ser incluídas em conversas sérias, assim como de pedir água vivificante (João 4. 5-42). As mulheres eram respeitadas como sérias estudantes ou discípulas das escrituras e eram incluídas no círculo íntimo de Jesus (Lucas 10. 38-42, João 20. 1-18). As mulheres estavam entre os líderes e colaboradores valiosos nas primeiras igrejas cristãs, como Lídia (Atos 16. 12-15, 40), e a apóstola Júnias (Romanos 16. 7). No geral, o cristianismo foi um movimento que visava corrigir as desigualdades de gênero e chamar as pessoas para um relacionamento correto entre si e com Deus.

A igualdade é mais claramente vista na primeira carta de Paulo aos Coríntios, capítulo 12. 12-27, onde ele fala das diferentes partes do corpo, e como todas têm

uma função diferente, mas igualmente valiosa. Isso mostra que as diferenças na comunidade cristã são dons que devem ser valorizados igualmente, mesmo que as funções de uma ou de outra parte variem amplamente. Efésios 5. 21 é outro exemplo de como se esperava que a igualdade de gênero funcionasse na comunidade cristã primitiva, afirmando claramente: "Sejam obedientes uns aos outros, pelo respeito que têm por Cristo".

Embora os maridos tenham recebido o papel de chefes de família (o que para muitas pessoas em diferentes contextos culturais pode ser controverso na forma como é entendido), os maridos também foram ordenados a amar suas esposas com um amor que representa Cristo, baseado no respeito e honra mútuos. De modo algum isso significava tratar as esposas como propriedade ou prejudicá-las física ou emocionalmente, assim como os próprios maridos não gostariam de ser prejudicados. O ensinamento importante desta passagem é de igualdade e reciprocidade, unidos em amor. Isto é violado quando essa igualdade e mutualidade se transformam em desigualdade, abuso e outras formas de violência.

O lugar de uma pessoa em sua sociedade ou cultura, sua idade, riqueza ou pobreza, etnia ou raça, podem afetar o poder em potencial que ela pode deter.



Desafios para a desigualdade de gênero no uso do espaço

Desde meados do século XX, o trabalho de mulheres e homens na maioria das igrejas anglicanas e episcopais tem se sobreposto cada vez mais, embora a extensão tenha variado de acordo com a cultura e as crenças teológicas. As mulheres estão cada vez mais ocupando cargos de tomada de decisão e liderança, incluindo ordenação como diáconas, reverendas e bispas, em todos os continentes. Duas mulheres serviram como Primazes de suas igrejas-membro da Comunhão Anglicana.

Os desafios ainda permanecem para fazer o melhor uso dos dons e habilidades de todas as pessoas, independentemente do sexo, em uma ampla variedade de ministérios leigos e ordenados. Fazer isso beneficiaria grandemente a igreja e sua missão. Onde as normas culturais impediam a plena igualdade de gênero, é necessário um estudo cuidadoso de onde e como essas normas surgiram e se são equitativas ou injustas em termos de quem se beneficia e quem é prejudicada/o. Em suma, pode haver razões históricas por trás da desigualdade, mas a reciprocidade e a equidade são fundamentais para nossa fé e missão cristãs.

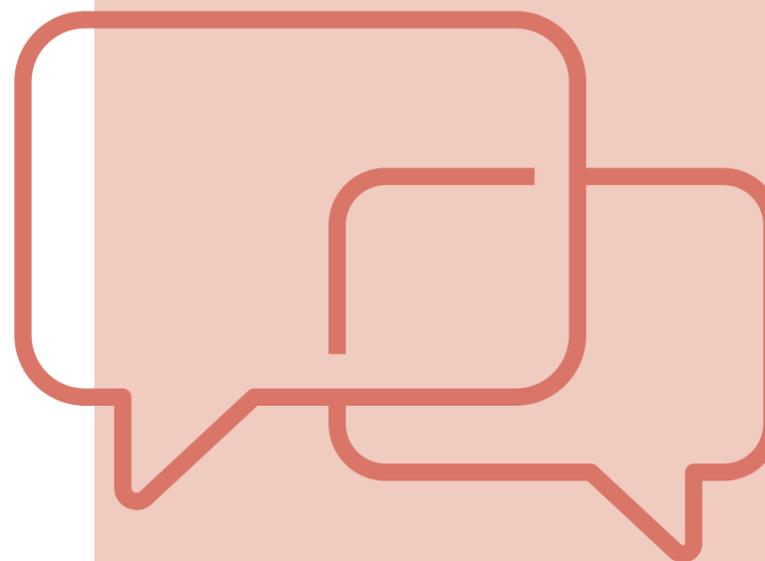
Transformando a desigualdade de gênero

Toda a humanidade merece igualmente a atenção e o amor de Deus, independentemente de gênero ou outras diferenças. Para as pessoas cristãs, Jesus enfatiza a igualdade de todas diante de Deus em amar a/o próxima/o como a si mesma/o, e em não fazer às outras pessoas o que você não gostaria que fizessem a você (Mateus 22. 36-39). O apóstolo Paulo em Gálatas 3. 28 é ainda mais específico ao dizer que em Cristo nossas diferenças variadas e as desigualdades que atribuímos a elas não existem.

Qualquer tipo de desigualdade de gênero que prive as pessoas de fazer o melhor uso de suas aptidões e habilidades a serviço umas das outras, incluindo família, comunidade, igreja e sociedade em geral, pode e deve ser abordada e mudada. A exploração de qualquer pessoa para o benefício de outra viola as instruções de Cristo de amar e tratar umas às outras como seríamos tratadas/os. Portanto, todas as relações devem ser baseadas no respeito mútuo. Isso não significa que fronteiras ou limites não precisem ser definidos; mas a equidade de gênero pode transformar a injustiça em relacionamentos justos de aceitação e respeito mútuos. Para ser justas, todas as pessoas afetadas devem estar representadas no desenvolvimento de uma solução ou de um caminho a seguir. Uma parte não pode decidir o que é justo para a outra.

Se, em Cristo e no Reino de Deus, tais desigualdades não existem, então por que nós, como pessoas cristãs, continuamos a mantê-las?

Qualquer tipo de desigualdade de gênero que prive as pessoas de fazer o melhor uso de suas aptidões e habilidades a serviço umas das outras, incluindo família, comunidade, igreja e sociedade em geral, pode e deve ser abordada e mudada.



Questões para discussão

1. Quais são algumas das desigualdades ou iniquidades de gênero em sua comunidade, igreja ou trabalho que limitam as oportunidades ou a participação das mulheres? Há alguma que limite as oportunidades ou a participação dos homens?
2. Quais são as expectativas de gênero que criam ou apoiam as desigualdades de gênero ou iniquidades que você encontrou? Quem as está estabelecendo ou aplicando: homens, mulheres ou ambas/os?
3. Como algumas das desigualdades de gênero ou iniquidades que mais lhe preocupam podem ser mudadas?

References

- ¹ Arlie Russell Hochschild, *O Segundo Turno*. Nova York: Penguin Books, 2003.
- ² Paula Nesbitt, "Why Gender Still Matters" [Por Que Gênero Ainda Importa], *Cast Wide the Net* [Arremesse as redes distante]. A Igreja Episcopal. Publicado em 2015. episcopalchurch.org/cast-wide-the-net/why-gender-still-matters
- ³ Cindi Katz, "Growing Girls/Closing Circles: Limits on the Spaces of Saber in Rural Sudan and United States Cities" [Meninas Crescendo, Círculos Fechando: Limites dos Espaços do Saber no Sudão Rural e nas Cidades dos Estados Unidos] em C Katz e J Monk (Eds) *Full Circles: Geographies of Women over the life course* [Círculos Completos: Geografias das Mulheres ao longo da Vida]. Routledge (1993): 88-106. Reimpresso com novo epílogo em DL Hodgson (Ed.) *Gendered Modernities: Ethnographic Perspectives* [Modernidades de Gênero: Perspectivas Etnográficas]. Imprensa St Martins (2001): 173-202.
- ⁴ Emily C Hewitt e Suzanne R Hiatt, *Mulheres Sacerdotes: Sim ou Não?* Seabury Press, Nova York, 1973.

Transformando relacionamentos e acabando com a violência

Jesus, mulheres e homens no Novo Testamento

“Por isso paremos de criticar uns aos outros. Pelo contrário, cada um de vocês resolva não fazer nada que leve o seu irmão a tropeçar ou cair em pecado.”

Romanos 14. 13

Para enfrentar a desigualdade de gênero e a violência baseada em gênero, precisamos desenvolver novos entendimentos dos papéis e relacionamentos de gênero na igreja e na sociedade, para que homens e mulheres trabalhem juntas/os para a mudança social. A desigualdade de gênero impede (retém) muitas pessoas de liderar e compartilhar o evangelho. Podemos aprender com a Bíblia porque ela oferece muitas percepções sobre liderança transformacional¹ para todas as pessoas, removendo obstáculos com base no gênero para homens e mulheres. Nisto, Jesus serve como modelo para toda a humanidade.

O contexto dos escritos bíblicos estava dentro das tradições greco-romana e judaica, onde havia um claro viés em relação à autoridade e ao poder masculinos. Apesar disso, Jesus tinha uma forma extraordinária de se relacionar com as mulheres em igualdade de condições, incomum para a época e lugar. Os Evangelhos de diferentes maneiras testemunham a notável liberdade que Jesus tinha ao se relacionar com as mulheres como pessoas, como discípulas e como líderes. A visão de Jesus da comunidade de Deus incluía pessoas em igualdade ministrando juntas/os. Alguns exemplos incluem o seguinte:

1. Jesus ofereceu liderança transformacional.¹

Jesus não tinha medo de expressar emoções. Quando viu a família e os amigos de Lázaro chorando porque achavam que Lázaro estava morto, ele chorou (João 11. 33-35).

Ele lamentou o destino de Jerusalém e quis reunir suas/seus filhas/os como a galinha reúne sua ninhada debaixo de suas asas (Mateus 23. 37).

A multidão que seguia Jesus muitas vezes ficava ao lado dele e não da classe dominante, mostrando que havia homens ao redor de Jesus que desafiavam o status quo.

Jesus morreu na cruz e mostrou vulnerabilidade e uma forma diferente de ser líder.

Jesus demonstrou um tipo diferente de autoridade e não atraiu louvores para si mesmo, mas deu glória a Deus.

2. Jesus quebrou tabus culturais.

Um homem judeu não deveria falar com uma mulher gentia, especialmente alguém com uma reputação questionável. Jesus quebrou o tabu falando com a mulher samaritana junto ao poço (João 4.1-42).

Jesus curou uma mulher que sofria de sangramento por doze anos (Lucas 8. 43-48).

3. Jesus respeitava as mulheres.

Jesus respeitou sua mãe Maria e quando o vinho acabou nas bodas de Caná, Jesus realizou seu primeiro milagre transformando água em vinho a pedido de Maria (João 2.1-11).

Como professor que viajava de um lugar para outro, Jesus aceitou a hospitalidade de homens e mulheres que lhe forneciam comida e descanso. Quando ele visitou a casa de Marta e Maria, Marta estava ocupada com seus papéis domésticos cuidando do hóspede, mas Maria sentou-se com os discípulos de Jesus e ouviu seus ensinamentos. Quando Marta pediu a Jesus que dissesse a Maria para ajudá-la, Jesus elogiou a escolha de Maria em aprender sobre Deus (Lucas 10. 38-42).

Jesus não negligenciou os papéis domésticos tradicionais das mulheres da época, como assar pão (Mateus 13. 33) e varrer a casa em busca de uma moeda perdida (Lucas 15. 8) e os incluiu em suas parábolas sobre o Reino de Deus.

Uma mulher siro-fenícia veio e implorou a Jesus que curasse sua filha. A princípio, Jesus disse que a graça de Deus era para o povo judeu. Quando a mulher persistiu, ele mudou de ideia e curou sua filha por causa da fé da mulher (Mateus 15. 21-28; Marcos 7. 24-30).

Ele era contra um homem se divorciar de sua esposa, exceto por falta de castidade (Mateus 19. 3-9). Em sua cultura patriarcal, um homem podia enviar à esposa uma certidão de divórcio por qualquer motivo e dispensa-la. A sociedade desprezaria uma mulher divorciada e ela poderia perder seus meios de subsistência.

Jesus também mostrou compreensão e compaixão por uma mulher pega em adultério (João 8. 1-11). Muitas sociedades julgam as mulheres com mais severidade do que os homens, mas neste exemplo Jesus perdoou a mulher e criticou a hipocrisia dos líderes religiosos.

Essas histórias do Evangelho mostram que Jesus cruzou as fronteiras religiosas e sociais, particularmente em torno do status e do papel das mulheres, e que suas boas novas eram para todas as pessoas.



Jesus como modelo para os homens

O exemplo de liderança de Jesus, como vimos, desafia o povo de Deus a desenvolver idéias mais úteis e vivificantes do que significa estar em relacionamento. Para abordar as questões devastadoras da violência de gênero, os comportamentos e atitudes que causam violência e abuso contra as mulheres precisam ser urgentemente desafiados. Enquanto os homens ainda pensarem que têm o direito e o poder de controlar os corpos e a sexualidade das mulheres, a justiça de gênero nunca será cumprida.

Homens que se modelam pela liderança de Jesus contribuirão positivamente para eliminar a violência e transformar os relacionamentos. Esses homens seriam atenciosos e sensíveis; respeitariam as mulheres, crianças e outros homens; permaneceriam fieis nos relacionamentos; permitiriam que suas parceiras tivessem espaço para serem independentes e crescerem; usariam o diálogo e não a força para resolver conflitos; usariam uma linguagem respeitosa para com as mulheres e crianças; participariam nas tarefas domésticas e na paternidade; aceitariam a liderança das mulheres; e enfrentariam a violência sexual e de gênero sempre que a encontrassem.

Os líderes religiosos masculinos podem desempenhar papéis importantes na promoção desses comportamentos e atitudes transformadoras para os homens. Em muitas sociedades, a religião faz parte do sistema cultural que justifica a superioridade masculina e o abuso das mulheres. Alguns homens apelaram para os textos bíblicos, que eles acham que lhes dão licença para dominar as mulheres. Os líderes religiosos masculinos podem se deixar modelar pela liderança de Jesus, interpretando e enquadrando corretamente os textos sagrados para promover a igualdade de gênero e o respeito às mulheres e meninas.

Os Evangelhos retratam Jesus como um profeta que desafiou a injustiça social, incluindo preconceito e discriminação contra as mulheres. Ele mostrou que tanto as mulheres como os homens são criadas/os à imagem de Deus e podem trabalhar juntas/os na realização da missão de Deus.

Mulheres como discípulas e líderes no Novo Testamento

O Novo Testamento mostra que as mulheres desempenhavam papéis muito fortes e importantes no cristianismo primitivo. Os três primeiros Evangelhos apresentam as mulheres como discípulas e seguidoras de Jesus:

O Evangelho de Marcos nos diz que as mulheres permanecem com Jesus no caminho para a cruz, mesmo quando seus discípulos o abandonam (Marcos 15. 40-41).

O Evangelho de Lucas nos diz que essas mulheres estão entre os discípulos de Jesus da Galiléia e que ministram a Jesus, tornando possível seu ministério através de seus atos de serviço (Lucas 8. 1-3).

- Maria Madalena,
- Joanna (que está ligada à corte real)
- Susana

O Evangelho de Marcos também menciona:

- Outra Maria
- Salomé que pode ser a mãe dos apóstolos Tiago e João.

O Evangelho de João está mais preocupado com os encontros individuais com Jesus:

- A mãe de Jesus desempenha um papel no início do ministério de Jesus (2.5; 19.25-26).
- A mulher samaritana encontra em Jesus a fonte de água viva e sacia sua profunda sede de vida (4. 1-42).
- Marta e Maria descobrem que Jesus é a ressurreição e a vida e confessam sua fé nele por meio de palavras e obras (11. 25-27; 12. 3-8).
- Maria Madalena como discípula – a mais proeminente entre as discípulas. (Em nenhum lugar do Novo Testamento ela é retratada como uma prostituta. Essa identificação foi um erro nos primeiros séculos da igreja ocidental). O verdadeiro papel de Maria, porém, é o de testemunhar a ressurreição. É a Maria que Jesus dá primeiro o papel de anunciar a boa nova da sua ressurreição e ela a proclama fielmente.

O que Paulo diz?

Os escritos de Paulo têm sido usados para justificar o status de segunda classe das mulheres na igreja e na sociedade. Alguns viam Paulo como um misógino, alguém que tinha problemas com mulheres e sua liderança, ao contrário de Jesus. No entanto, isso está longe de ser o caso. Além de qualquer outra coisa, Paulo tinha um número significativo de colegas do sexo feminino que trabalhavam no ministério e missão ao seu lado.

Em um lugar, ele menciona nove mulheres que incluem a teóloga Prisca (Priscila); Febe, que trabalhou em Corinto como patrona da igreja e foi encarregada de levar a Carta aos Romanos a Roma em nome de Paulo; e também a apóstola Júnias (Romanos 16. 3,15). Por muitos anos, questionou-se se uma mulher poderia ser uma apóstola, mas não há mais dúvidas de que o nome da apóstola era “Júnias”, um nome feminino comum, e não “Júnias”, um nome masculino que nunca aparece no mundo antigo.

Uma característica importante das cartas paulinas é encontrada naquelas passagens frequentemente chamadas de “códigos domésticos”. Estas são instruções para a pessoa cristã viver dentro de casa em um contexto onde elas estão lutando para sobreviver no mundo do poder imperial romano. Esses textos podem parecer menos radicais para nós do que outros textos, mas na verdade eles estão tentando proteger as pessoas cristãs e atenuar os aspectos do Evangelho que são simplesmente radicais demais para sua sociedade. (Ex. Colossenses 3. 8-4.11; Efésios 5. 22 a 6. 9; ver também 1 Pedro 2. 13 a 3. 7). A Bíblia atesta a igualdade e mutualidade de mulheres e homens.

Relacionamentos justos entre mulheres e homens na missão e no ministério

“Eu afirmo a vocês que isto é verdade: quando vocês fizeram isso ao mais humilde dos meus irmãos, foi a mim que fizeram.”

Mateus 25.40

Para viver relacionamentos justos e iguais entre mulheres e homens, é preciso haver ações intencionais e transformadoras que abracem mulheres na liderança, assim como homens. Além de desafiar comportamentos e atitudes dos homens que causam violência e abuso, as mulheres também precisam ser desafiadas em seus comportamentos e atitudes. As mulheres, às vezes, podem ser as que impedem o avanço das mulheres porque estão mais acostumadas a homens exercendo liderança e autoridade, e, assim, as mulheres podem julgar outras mulheres com mais severidade do que os homens.

Em vez de ajudar umas às outras, as mulheres podem ficar com inveja umas das outras e competir pela aprovação masculina. Por exemplo, na história bíblica de Sara e Agar, Sara maltrata Agar depois que ela deu à luz um filho a Abraão (Gênesis 2. 8-14). Relacionamentos transformacionais e justos incluem mulheres em apoio mútuo para desafiar privilégios masculinos profundamente arraigados e o ciclo de violência.

As/os líderes religiosas/os podem ajudar a promover novas ideias de relacionamentos transformacionais e justos, incentivando as mulheres a desenvolver seu potencial de liderança, oferecendo oportunidades de educação e desenvolvimento profissional para mulheres e garantindo que as vozes das mulheres sejam representadas nos processos de tomada de decisão da igreja. Meninas e meninos devem ser criados na igreja com uma compreensão saudável das relações de gênero, sabendo que todas as pessoas serão tratadas com dignidade e respeito. A igreja precisa construir comunidades que abracem mulheres e homens como iguais e como parceiras/os plenas/os na missão, no lar, na igreja, no local de trabalho, na comunidade local e no mundo em geral.



Ação através das cinco marcas da missão

Juntas, as cinco Marcas da Missão² expressam a compreensão e o compromisso comum da Comunhão Anglicana com a missão holística de Deus no mundo. São marcas de ser uma igreja saudável que contribui em todos os aspectos da missão de Deus. Uma igreja saudável abraça todas as pessoas, especialmente as vulneráveis, pois age para servir ao reino de Deus aqui na terra como no céu. Todas as pessoas são chamadas a oferecer missão e ministério no mundo, de acordo com seus dons e talentos. Nos Evangelhos, Jesus nos chama a agir com aquelas pessoas que estão em desvantagem e que buscam justiça. A fé em ação dá esperança ao nosso mundo. A missão da igreja é a missão de Cristo.

Nenhuma Marca de Missão é mais importante que outra; cada uma contribui para o todo. No entanto, vistas individualmente, elas podem nos dar pistas para refletir sobre uma gama diversificada de fé em ação. A seguir, exemplos ilustrativos de fé em ação que podem levar à transformação das desigualdades de gênero em todas as esferas da vida:

i. Para proclamar as boas novas do Reino/Reinado de Deus.

Mulheres e homens trabalhando juntas/os para:

- estudar e revisitar as escrituras que foram usadas para justificar o abuso de mulheres ou restringi-las na proclamação das boas novas
- escrever e distribuir estudos bíblicos, trazendo diferentes perspectivas para promover a igualdade e mutualidade de mulheres e homens aos textos
- participar na pregação da Palavra
- compartilhar histórias de fé e cultura
- oferecer testemunhos que destaquem a influência positiva de mulheres e homens no ministério
- revisar e reformular períodos da história da igreja à luz da justiça de gênero
- considerar o que a boa nova significa para diferentes grupos de pessoas
- orar juntas/os, e modelar sua vida ao Evangelho de amor para TODAS as pessoas

ii. Ensinar, batizar e nutrir as/os novas/os crentes.

Mulheres e homens trabalhando juntas/os para:

- escrever material didático para preparação de batismo ou casamento que promova a justiça de gênero
- oferecer modelos de coliderança no ensino, enraizados em exemplos bíblicos positivos
- caminhar ao lado de novas/os crentes e criar espaços seguros para novas expressões de missão que abracem relacionamentos justos
- nutrir e cuidar de acordo com o contexto
- viver com as questões da fé para encorajar o crescimento contínuo, em vez de fornecer todas as respostas
- reconhecer que o gênero influencia nosso ensino de teologia e eclesiologia

iii. Para responder à necessidade humana por serviço amoroso.

Mulheres e homens trabalhando juntas/os para:

- assumir a responsabilidade nos serviços domésticos e de cuidados
- caminhar ao lado das pessoas pobres, solitárias, doentes, marginalizadas e daquelas que lutam, por exemplo, ao trabalhar com o governo e outras agências para eliminar o tráfico de pessoas e o trabalho escravo
- reconhecer normas e estereótipos de gênero e seus efeitos, e mudar estruturas injustas desafiando as normas sociais que limitam o florescimento humano
- criar espaços seguros para sobreviventes de violência sexual e abuso de gênero para oferecer uma escuta profunda para compreensão e cura

iv. Procurar transformar as estruturas injustas da sociedade, desafiar a violência de todos os tipos e buscar a paz e a reconciliação.

Mulheres e homens trabalhando juntas/os para:

- incentivar os homens a defenderem as mulheres marginalizadas e abusadas, e as mulheres a defender os homens que operam fora dos estereótipos de gênero
- implementar políticas e práticas seguras da igreja com tolerância zero de violência e abuso
- encorajar os homens a darem espaço às mulheres na arena pública e as mulheres a darem espaço aos homens na arena doméstica
- garantir a tomada de decisão e liderança compartilhada
- reconhecer e reconsiderar a linguagem para a humanidade e para Deus que exclui mulheres e meninas
- permitir que os homens orientem os meninos para melhorar a autocompreensão e aumentar a consciência sobre os efeitos dos estereótipos de gênero prejudiciais que impulsionam o abuso e a exclusão
- equipar as mulheres para orientar as meninas para melhorar a autocompreensão e aumentar a consciência de seu potencial
- celebrar e trabalhar positivamente com as diferenças de gênero

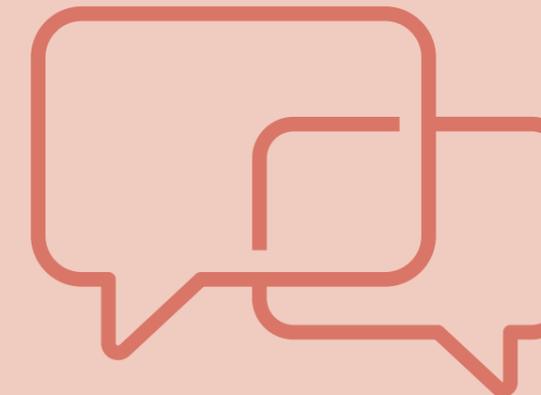
v. Esforçar-se para salvaguardar a integridade da criação e sustentar e renovar a vida da terra.

Mulheres e homens trabalhando juntas/os para:

- considerar os impactos do estilo de vida no meio ambiente
- conhecer e desenvolver novas iniciativas que contribuam positivamente para a sustentabilidade e renovação da Terra
- desafiar autoridades e instituições que não levam a sério a crise climática
- garantir que as mulheres sejam incluídas nas decisões tomadas sobre ação climática e emergências ambientais
- fazer planos para marcar o Tempo da Criação anual de várias maneiras que abracem e incentivem todos os gêneros a participarem e liderarem pelo exemplo

Conclusão

Proclamar, ensinar, nutrir, amar, transformar, renovar e sustentar são necessários para transformar relacionamentos e acabar com a violência e o abuso, particularmente contra mulheres e meninas. No passado, os textos bíblicos foram usados para justificar relacionamentos injustos. Oferecer novas perspectivas às Escrituras traz novos entendimentos sobre como vivemos igual e mutuamente à imagem de Deus. Jesus modela um novo caminho a seguir que destaca a visão da comunidade de Deus onde mulheres e homens vivem, ministram e trabalham juntas/os. É responsabilidade da igreja enfrentar as desigualdades e promover e viver relacionamentos justos em todas as esferas da vida.



Questões para discussão

1. Como a Bíblia pode ajudar a conscientizar e mudar o comportamento que contribui para o abuso e a violência contra as mulheres?

Quais são alguns dos pontos-chave positivos sobre os papéis das mulheres encontrados na Bíblia que você pode compartilhar com outras pessoas?

2. O que impede as mulheres de liderarem em sua comunidade?

Que mudanças precisam acontecer para que todas as pessoas possam contribuir para compartilhar o evangelho?

3. Como as cinco marcas da missão podem ajudar a garantir que mulheres e homens trabalhem juntas/os no ministério?

4. Que ideias funcionariam em sua comunidade?

Identificar prioridades, metas e planos de ação para alcançá-las.

Referências

¹ "A liderança transformacional é... onde um líder trabalha com seguidoras/es para identificar as mudanças necessárias, criar uma visão através da inspiração e executar a mudança com um grupo de seguidoras/es altamente comprometidos."

De: sites.psu.edu/leadership/2020/11/05/transformational-leadership-theory

² Ver Anexo 2

Apêndice 1

O Modelo Duluth

O Modelo Duluth é um modelo que fornece uma estrutura para entender a natureza do abuso doméstico e as táticas usadas por um/a perpetrador/a de abuso para obter poder e controle sobre um indivíduo. Com base em anos de pesquisa, o modelo Duluth descreve os diferentes tipos de abuso e como eles são vistos na vida real.

No coração da roda do Modelo Duluth e do abuso doméstico, está o desejo de controlar outra pessoa e ter poder sobre ela para manipulá-la a fazer o que o/a agressor/a quiser com o mínimo de esforço. Isso pode se valer de abuso verbal, como dizer que uma mulher é inútil e que ela é feia e que ninguém mais se casaria com ela, então ela deveria ser grata a ele.

Os diferentes tipos de abuso no modelo descrevem as diferentes maneiras pelas quais um/a perpetrador/a pode tentar ganhar poder e controle. Do lado de fora da roda está a violência física e/ou sexual. Esses tipos de abuso são frequentemente os usados como último recurso para manter o poder e o controle e também os mais vistos.

Como uma laranja, você vê a casca da laranja do lado de fora, mas não pode ver os segmentos de laranja, ou outros tipos de abuso, até que tenha descascado a camada. Os segmentos da laranja – poder e controle – geralmente ficam escondidos no centro ou no núcleo. Isso serve como um alerta, porque se pudermos ver a violência física e/ou sexual ocorrendo, podemos ter quase certeza de que outros tipos de abuso aconteceram antes disso.



Apêndice 2

Resoluções do CCA, Carta dos Primazes e as cinco Marcas da Missão

O Conselho Consultivo Anglicano (CCA), um dos quatro instrumentos da Comunhão Anglicana, reconheceu a necessidade da Comunhão Anglicana abordar a justiça de gênero e prevenir e acabar com a violência baseada em gênero, e tomar seu lugar no serviço ao mundo em geral, conforme expresso em suas preocupações e intenções em várias resoluções do CCA ao longo dos anos. Essas incluem:

- 13:31 Fornecer representação igualitária em cada corpo anglicano de homens e mulheres e fornecer um ponto focal de gênero em cada província.
- 14:33 Apoiar o fim da violência contra as mulheres e alocar recursos financeiros para isso, garantindo o orçamento de gênero
- 15:7 e 10 Acabar com a violência baseada em gênero e o tráfico, apoiando o trabalho teológico sobre justiça de gênero e materiais apropriados
- 16:2 e 3 Reafirmar o compromisso com a igualdade e justiça de gênero com as províncias oferecendo apoio financeiro
- 17:2 e 3 Nomear um vínculo provincial e equipar o povo de Deus para a justiça de gênero

As/os primazes anglicanas/os (líderes seniores das igrejas-membro) também emitiram uma forte declaração condenando a violência baseada em gênero e pedindo que nossas igrejas coloquem em prática o ensino bíblico de que todas as pessoas – mulheres e homens – foram criados à imagem de Deus.

Em 2011, as/os Primazes se reuniram na Irlanda e fizeram uma forte declaração sobre justiça de gênero e violência baseada em gênero. Elas/es disseram:

“Reconhecemos com pesar que a violência baseada em gênero é um fenômeno global e que toda violência, com uma pequena porcentagem de exceção, é perpetrada por homens contra mulheres, com efeitos devastadores sobre indivíduos, famílias e sociedade.

Ao considerar a natureza generalizada da violência contra mulheres e meninas, nossas igrejas devem aceitar a responsabilidade por nossa própria parte na perpetuação de atitudes opressivas em relação às mulheres. Em penitência e fé, devemos avançar de tal

maneira que nossas igrejas se tornem testemunhas verdadeiramente vivas de nossa crença de que tanto as mulheres quanto os homens são feitas/os à imagem de Deus. Pensar e se comportar de maneiras que não vivem essa crença, mas enfraquecem e marginalizam, é manchar a imagem divina e, portanto, ofender a humanidade e Deus”.

Reunião das/os Primazes Anglicanas/os, Irlanda 2011

A quarta Marca da Missão, “procurar transformar as estruturas injustas da sociedade, desafiar a violência de todos os tipos e buscar a paz e a reconciliação”.

As/os Primazes se comprometeram a abordar a violência baseada em gênero de várias maneiras que incluíram

- afirmar e orar pela bênção de Deus sobre as iniciativas que nossas dioceses e paróquias já estão tomando para responder à violência contra mulheres e meninas;
- treinamento para clérigas/os e pastoras/es para que estejam cientes da dinâmica da violência de gênero e como os comportamentos podem ser desafiados e transformados;
- assegurar que os recursos, incluindo liturgias, sejam desenvolvidos e disponibilizados localmente;
- trabalhar com jovens para que meninos e meninas, rapazes e moças sejam capazes de honrar a si mesmas/os e umas/uns às/aos outras/os como seres humanos amados igualmente por Deus, e também capacitados para serem agentes de mudança entre suas/seus pares;
- trabalhar com outras/os líderes religiosas/os para abordar este tópico em uma voz compartilhada.

Em resposta a esse reconhecimento e arrependimento, as/os Primazes se comprometeram com o seguinte:

- a. promover o perfil do Objetivo de Desenvolvimento do Milênio 3 – “promover a igualdade de gênero e empoderar as mulheres” (agora Objetivo de Desenvolvimento Sustentável 5);
- b. afirmar e orar pela bênção de Deus sobre as iniciativas já existentes em nossas dioceses e paróquias em resposta à violência contra mulheres e meninas;
- c. reunir outras/os líderes da igreja e da fé para discernir o que podemos dizer e fazer juntas/os;

- d. atender à formação de clérigas/os e pastoras/es para que estejam cientes da natureza e dinâmica da violência de gênero e como certas atitudes e comportamentos podem ser desafiados e transformados.
- e. garantir o desenvolvimento e acessibilidade de recursos locais, contextuais e acessíveis, incluindo liturgias, por exemplo, para 25 de novembro, que é o Dia Internacional para a Eliminação da Violência contra as Mulheres, bem como o Dia do Laço Branco, o primeiro dia do evento global “16 Dias de Ativismo pela Eliminação da Violência contra a Mulher”.
- f. através do ensino e do exemplo, trabalharemos com nossas/os jovens para que nossos meninos e meninas, rapazes e moças, sejam capazes de honrar a si mesmas/os e umas/uns às/aos outros como seres humanos amados igualmente por Deus e capacitados para serem agentes de mudança entre suas/seus pares.

Recursos adicionais

Teologia

A justiça de Deus: relacionamentos justos entre mulheres e homens, meninos e meninas
– Publicado pelo Conselho Consultivo Anglicano em francês, espanhol, português e inglês
anglicancommunion.org/mission/gender-justice/tools-for-transformation.aspx

Da Mesma Carne – teologia de gênero Susan Durber
– Publicado por Christian Aid?
prod.christianaid.org.uk/sites/default/files/2016-03/of-the-same-flesh-gender-theology-report-jul-2014.pdf

Criada/o à imagem de Deus – Kit de ferramentas de transformação de gênero
– Publicado pelo Auxílio da Igreja Norueguesa
kirkensnodhjelp.no/en/arkiv/gender-based-violence-and-reproductive-health/gender-transformation-toolkit

Recurso de Estudo Bíblico com tema Justiça de Gênero
anglicancommunion.org/media/179215/Church-of-Ireland-Lent-2013-Bible-Study.pdf

Violência baseada no gênero

Abuso doméstico e COVID-19: como as igrejas podem responder
anglicancommunion.org/mission/gender-justice.aspx

Sasa Fé! Um guia para Comunidades de Fé para Prevenir a Violência Contra as Mulheres e HIV SASA! Fé – Erguendo Vozes
liftingvoices.org/women/the-sasa-approach/sasa-faith

Jesus não morreu pelo casamento
cbeinternational.org/resource/article/mutuality-blog-magazine/jesus-didnt-die-marriage-why-churches-need-address

Estudo de caso de Gênero, HIV e a Igreja
learn.tearfund.org/~media/Files/TILZ/Topics/Gender/Gender%20HIV%20and%20Church%20web.pdf

Engajando homens pelo fim da violência baseada em gênero
menengage.org/wp-content/uploads/2022/02/Gender-Based-Violence-GBV-MenEngage-Ubuntu-Symposium-Discussion-Paper-EN.pdf

Manuais de Gênero

Ferramentas para Transformação
anglicancommunion.org/mission/gender-justice/tools-for-transformation.aspx

Manual de treinamento Masculinidades Transformadoras, Tearfund (2017) Masculinidades Transformadoras: manual de treinamento – Tearfund Learn
Aprendizado da Tearfund – Violência Baseada em Gênero
learn.tearfund.org/en/themes/sexual_and_gender_based_violence

Criada/o à imagem de Deus: da hierarquia à parceria (igualdade)
wrc.ch/wp-content/uploads/2015/04/CreatedInGodsImage.pdf

Criada/o à imagem de Deus : da hegemonia à parceria (foco em homens e masculinidades)
wrc.ch/wp-content/uploads/2015/04/From_Hegemony_to_Partnership.pdf

Acredite na Mudança – Manual de Gênero Católico
cidse.org/2019/09/19/believe-in-change-the-gender-toolkit

Sítios religiosos/cristãos que tratam de teologia e violência contra a mulher

Recursos do Faith Trust Institute
Faithtrustinstitute.org/resources

Cristãos pela Igualdade Bíblica
cbeinternational.org/

Restored
restored-uk.org

Livros

Scars Across Humanity [Feridas na humanidade] – Dra. Elaine Storkey , SPCK Publishing (2015)

The Bible Doesn't Tell Me So [A Bíblia não me diz isso] – Helen Paynter, The Bible Reading Fellowship (2020)

Abuso Doméstico nas Comunidades da Igreja – Nikki Dhillon Keane, Publicações Redentoristas (2018)



A Justiça de Deus: Teologia e Violência Baseada no Gênero

© 2022 O Conselho Consultivo Anglicano

Saint Andrew's House, 16 Tavistock Crescent, Londres,
W11 1AP, Reino Unido